

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**ESTRATÉGIAS DE COPING ENTRE PORTUGUESES E CARIOCAS:
IMPLICAÇÕES DO MEDO DA INTIMIDADE**

Nina Couto Vasconcelos Castro
Outubro, 2013

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade
do Porto, sob orientação da Professora Doutora Maria Emília Costa.

Resumo

Muito embora seja defendida consensualmente na literatura a importância da cultura na forma como os indivíduos avaliam e experienciam situações de *stress* (Gurung, 2010), pouco se sabe acerca das diferenças de coping entre as culturas portuguesa e carioca. Esta investigação teve como principal objetivo avaliar as diferenças culturais nas estratégias de coping entre os indivíduos de Portugal e do Rio de Janeiro. Com vista a compreender melhor essa relação, e porque as dificuldades na intimidade têm sido associadas a determinados processos de coping (Pilkington & Richardson, 1988), procurou-se explorar as implicações do medo da intimidade nas estratégias de coping dos indivíduos de ambos os contextos culturais. Para tal, aplicaram-se o *Ways of Coping Questionnaire* (Folkman, Lazarus, Pimley, & Novacek, 1987) e o *Fear of Intimacy Components Questionnaire* (Sobral & Costa, sub.) a uma amostra de 312 jovens adultos (175 portugueses e 137 cariocas). Dado que o segundo instrumento não se encontrava disponível em português do Brasil, procedeu-se à adaptação transcultural do mesmo.

Os resultados apoiam a hipótese de que existem diferenças culturais na forma como os indivíduos lidam com situações de *stress*, já que sugerem que os portugueses utilizam mais estratégias de coping de procura de suporte social, de resolução de problemas e de distanciamento e autocontrolo, comparativamente aos cariocas. O medo da intimidade revelou-se um preditor significativo das estratégias de coping de distanciamento e autocontrolo, em ambas as nacionalidades, sendo estas preditas, na amostra portuguesa, pelo medo de perder o outro e, na amostra carioca, pelo medo de perder o *self*. Além disso, verificaram-se diferenças de género nas estratégias de coping, sendo que as mulheres utilizam mais a procura do suporte social do que os homens em ambas as nacionalidades. Estes resultados são discutidos à luz do enquadramento teórico. Consideram-se ainda as limitações, as direções para futuras investigações e as implicações para a prática clínica.

Palavras-chave: cultura; estratégias de coping; medo da intimidade; jovens adultos; género; *Ways of Coping Questionnaire*; *Fear of Intimacy Components Questionnaire*.

Abstract

Although the importance of the culture defining the way people behave and cope with stress situations has been generally agreed and defended in literature (Gurung, 2010), there are little information about coping differences between cultures from Portugal and Rio de Janeiro. The aim of this investigation was mainly to evaluate the cultural differences which distinguish coping strategies by Portuguese and Brazilians from Rio de Janeiro.

In order to make this relation clear, having in mind the difficulties related to intimacy being connected with some coping processes (Pilkington & Richardson, 1988), it has been tried to explore the implications of fear in intimacy. Therefore, the *Ways of Coping Questionnaire* (Folkman, Lazarus, Pimley & Novacek, 1987) as well as *Fear of Intimacy Questionnaire* (Sobral & Costa, sub.) have been submitted to 312 young adults (175 Portuguese and 137 Brazilians from Rio de Janeiro). Since the second source was not available in Portuguese from Brazil, a transcultural adjustment has been done.

The results support the assumption that there are cultural differences in the way people cope with stress situations. However, it has been suggested that Portuguese people use more seeking social support, problem solving and distancing and self-controlling coping strategies, than Brazilians from Rio de Janeiro. The fear of intimacy has been appointed to be, in both cultures, an important predictor in coping strategies regarding distancing and self-controlling, being these predicted by the fear of losing the other among the Portuguese sample, and by the fear of losing the self among the Brazilians from Rio de Janeiro. Moreover, it has been detected gender differences in coping strategies; women are appointed to seek social support more than men, in both nationalities. These results have been discussed on a theoretical fitting basis. Restrictions, future investigation directives as well as clinical practice implications are considered.

Key-words: culture; coping strategies; fear of intimacy; young adults; gender; *Ways of Coping Questionnaire*; *Fear of Intimacy Components Questionnaire*.

Resumé

Bien qu'il soit défendu de forme consensuelle dans la littérature sur l'importance de la culture dans la façon dont les individus évaluent et vivent des situations de grand stress (Gurung, 2010), on en sait peu sur les différences de coping entre les portugais et les brésiliens du Rio de Janeiro. Cette recherche visait à évaluer les différences culturelles dans les stratégies de coping entre les individus du Portugal et les individus brésiliens du Rio de Janeiro. Pour mieux comprendre cette relation, et parce que les difficultés ont été intimement associés à certains processus de coping (Pilkington & Richardson, 1988), il se rend nécessaire d'explorer les implications de la peur de l'intimité dans les stratégies de coping des individus des deux contextes culturels. À cette fin, il est appliqué *Ways of Coping Questionnaire* (Folkman, Lazarus, Pimley, & Novacek, 1987) et *Fear of Intimacy Questionnaire* (Sobral & Costa, sub.). Pour un échantillon de 312 jeunes adultes (175 portugais et 137 brésiliens du Rio de Janeiro). Comme le second instrument n'était pas disponible en portugais du Brésil, il est procédé à l'adaptation interculturelle de la même.

Les résultats confirment l'hypothèse selon laquelle il existe des différences culturelles dans la façon dont les individus face à des situations stressantes, comme ils suggèrent que les portugais utilisent plus de stratégies de coping de recherche de soutien social, la résolution de problèmes et l'auto-distanciation et par rapport aux brésiliens du Rio de Janeiro. La peur de l'intimité s'est avéré être un prédicteur important des stratégies de coping de la distanciation et la maîtrise de soi dans les deux nationalités, qui sont prédites dans l'échantillon portugais, de peur de perdre l'autre, et l'échantillon brésilien, la peur de perdre le *self*. En outre, il y avait des différences entre les sexes dans les stratégies de coping, tandis que les femmes utilisent plus de soutien social que les hommes cherchent dans les deux nationalités. Ces résultats sont discutés à la lumière du cadre théorique. Ils sont considérés aussi comme des limites fixes, directions pour la recherche et implications futures pour la pratique clinique.

Mots-clé: culture, coping, la peur de l'intimité, les jeunes adultes, le sexe, *Ways of Coping Questionnaire*; *Fear of Intimacy Components Questionnaire*.

Agradecimentos

À Professora Doutora Maria Emília Costa por ter contribuído para este projeto e por me ter feito acreditar, mesmo quando pareceu que os *timings* não o permitiam, na minha capacidade de coping.

À Doutora Maria Pedro Sobral por ter incutido em mim a paixão pela investigação e o rigor indispensável e, necessariamente, à Nana, pela entrega e carinho que colocou neste trabalho e por me ter acompanhado em tantos lutos estatísticos e metodológicos. Às duas pela exemplar gestão de papéis.

À Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Ao Doutor Hélder Alves que em muito contribuiu para que este trabalho. Por satisfazer muitas das minhas curiosidades e ambições estatísticas.

À tia Manela, ao Yoan e à Melucha, por se disponibilizarem para auxiliar no processo da revisão e tradução linguística.

À Mi que, como se desde sempre, esteve presente, pela amizade genuína e pela infinita disponibilidade. À Mi e à Mariana, que fazem, desde o início, este e tantos projetos lado a lado.

À mãe e ao pai pelo apoio incondicional e por me demonstrarem como podemos ser “os primeiros de uma espécie”. À Rita que, mesmo na distância, me acompanha emocionalmente em todas as “sinas” que nos falta “ler”. Ao Sandro por ser uma das minhas bases seguras, por todos os incentivos e dedicação.

A todos os meus amigos pela força e apoio que demonstraram e também pela compreensão de algumas ausências neste período. A todos os que contribuíram para a difícil tarefa de recolha de dados, nomeadamente àqueles que, incansavelmente, divulgaram o questionário, permitindo que este estudo fosse possível.

Abreviaturas

DAC – Distanciamento e autocontrolo (dimensão do WCQ)

DP – Desvio padrão

FE – Fuga-evitamento (dimensão do WCQ)

FICQ – *Fear of Intimacy Components Questionnaire*

H – Hipótese

KMO – Valor do coeficiente de *Kaiser-Mayer-Olkin*

M – Média

MPO – Medo de perder o outro (dimensão do FICQ)

MPS – Medo de perder o *self* (dimensão do FICQ)

N – Número de sujeitos

p – Nível de significância estatística (p value)

PSS – Procura de suporte social (dimensão do WCQ)

RP – Resolução de problemas (dimensão do WCQ)

SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*

t – valor do teste t de Student

WCQ – *Ways of Coping Questionnaire*

α – Alfa de *Cronbach*

β – valor de *beta*

ρ – coeficiente de correlação de *Spearman*

χ^2 – valor do teste do Chi-quadrado

Índice geral

Introdução	1
Capítulo I – Coping	3
1.1. Estratégias e estilos de coping	4
1.1.1. Diferenças culturais no coping	7
1.1.2. Diferenças de género no coping	9
Capítulo II – Medo da intimidade	11
2.1. Intimidade e medo da intimidade	12
2.1.1 Diferenças culturais no medo da intimidade	15
2.1.2. Diferenças de género no medo da intimidade	16
2.2. Implicações do medo da intimidade no coping	19
Capítulo III – Estudo empírico	22
3.1. Objetivos da investigação	23
3.2. Participantes	26
3.3. Instrumentos	27
3.3.1. <i>Ways of Coping Questionnaire</i> (WCQ)	27
3.3.2. <i>Fear of Intimacy Components Questionnaire</i> (FICQ)	30
3.3.2.1. Adaptação transcultural do FICQ para o português do Brasil	31
3.3.3. Questionário sociodemográfico	32
3.4. Procedimento	33
Capítulo IV – Resultados	35
4.1. Estudo quantitativo	36
4.2. Estudo qualitativo	39
Capítulo V – Discussão de resultados	41
Conclusão	48
Referências bibliográficas	52
Anexos	

Índice de Tabelas

Tabela 1

Estatísticas descritivas dos fatores do WCQ, de acordo com a nacionalidade 37

Tabela 2

Estatísticas descritivas dos fatores do WCQ, de acordo com o género e a nacionalidade 37

Tabela 3

Estatísticas descritivas dos fatores do FICQ, de acordo com o género e a nacionalidade 38

Índice de Anexos

Anexo 1

Quadro de descrição da amostra

Anexo 2

Questionário de investigação

Anexo 3

Questionário sociodemográfico

Anexo 4

Ways of Coping Questionnaire (WCQ)

Anexo 5

Fear of Intimacy Components Questionnaire (FICQ)

Anexo 6

Fatores resultantes do WCQ para a presente amostra

Anexo 7

Dimensões FICQ

Anexo 8

WCQ – Validade convergente-discriminante dos itens e consistência interna dos fatores

Anexo 9

FICQ – Matriz de saturações (*loadings*), variância explicada e consistência interna dos fatores

Anexo 10

Categorias da análise de conteúdo

Anexo 11

Retroversão dos itens do FICQ

Introdução

Nos últimos anos, tem sido reiterado o papel da cultura na forma como os indivíduos avaliam e experienciam situações de *stress* (Gurung, 2010), sendo que determinados aspetos de uma cultura parecem favorecer determinados processos de coping¹, em detrimento de outros. Considerando as referidas implicações da cultura no coping, esta investigação debruçou-se sobre o estudo de indivíduos de dois contextos culturais diferentes, em torno dos quais se tem verificado uma escassez de estudos no âmbito do coping (Portugal e Rio de Janeiro), com vista a compreender se os seus processos de coping eram influenciados pelo contexto sociocultural onde estavam inseridos e de onde eram, simultaneamente, naturais.

Entre diferentes aspetos que parecem ter implicações no coping, esta investigação incidiu ainda sobre a esfera das relações de intimidade, já que a intimidade tem sido considerada como uma necessidade vital (Alperin, 2001; Erikson, 1959), que contribui para a saúde mental e para o bem-estar e ajustamento psicossocial do indivíduo (Clark & Reis, 1988; Costa, 2005; Descutner & Thelen, 1991; Prager, 1995).

Como determinados processos de coping têm vindo a ser associados à qualidade da intimidade (e.g., Billings, et al., 2000) e outros a perceções de risco da intimidade (e.g., Pilkington & Richardson, 1988), procuramos averiguar se o medo da intimidade teria implicações na forma como os indivíduos lidam com situações de *stress* em diferentes culturas.

Ao analisar as implicações transculturais do medo da intimidade no coping, pretende-se estender a compreensão desta relação a níveis que ultrapassam o indivíduo e as suas relações significativas, contextualizando-os numa sociedade e cultura específicas, sem as quais as conclusões obtidas seriam limitadas.

Contudo, estudar diferentes culturas exige uma compreensão ampla do diálogo entre inúmeras variáveis culturais, intrapessoais e interpessoais, sendo que estas, de acordo com a psicologia sistémica, acabam por se englobar e interagir. Por ser particularmente relevada na literatura relativa ao coping, a variável género foi transversalmente controlada em todas as análises desta investigação, procurando compreender se as relações analisadas se distinguiam entre homens e mulheres.

¹ Optou-se por não se traduzir o conceito de “coping” por se considerar que não existe uma tradução fiel, isto é, que abarque todo o seu significado. Contudo, em português, este poderia ser traduzido como “enfrentar”, “adaptar-se a”, ou “lidar com” (segundo Dell’Aglia, 2000).

Considerando estes objetivos, organizámos o trabalho em cinco capítulos. Nos dois primeiros, procede-se à revisão da literatura em torno dos principais conceitos e teorias que serviram de base para a fundamentação deste estudo. No primeiro capítulo, abordamos o coping a partir do modelo transacional de coping de Lazarus (1966), discriminando diferentes tipos de estratégias de acordo com as categorizações de Lazarus (1966) e de Folkman e Lazarus (1988). No segundo capítulo, exploram-se diferentes conceptualizações da intimidade e do medo da intimidade, salientando-se a perspetiva de Sobral e Costa (sub.) que constituiu a orientação teórica desta investigação. São ainda abordados os estudos de diversos autores acerca das diferenças de género e culturais no coping e no medo da intimidade. Por fim, reúnem-se os estudos que defendem uma relação entre componentes da intimidade e o coping, estudos estes que permitiram ponderar acerca da eventual relação entre medo da intimidade e o coping, sobre a qual esta investigação se debruça.

O terceiro capítulo consiste no estudo empírico, no qual delineamos os principais objetivos, descrevendo e fundamentando as hipóteses do estudo. No capítulo seguinte, descrevem-se os resultados encontrados, de acordo com as hipóteses. Por fim, discutem-se os resultados em articulação com os estudos que constaram da revisão bibliográfica e consideram-se algumas direções para futuras investigações. Na conclusão referimos as principais contribuições desta investigação para a comunidade científica, damos conta das limitações do estudo e das implicações para a prática clínica.

Capítulo I
Coping

Capítulo I – Coping

1.1. Estratégias e estilos de coping

Segundo Folkman e Lazarus (1988), o coping consiste em estratégias cognitivas e comportamentais “utilizadas para responder a exigências específicas, internas e/ou externas, que são avaliadas como excedendo os/ou estando nos limites dos recursos do indivíduo” (p. 2). Nesta definição, sobressai a relação entre o indivíduo e o meio, reforçada no modelo transacional de coping de Lazarus (1966), segundo o qual, não é possível compreender o *stress* examinando os eventos ambientais e as respostas do indivíduo isoladamente. Esta relação deve ser entendida então como uma transação, na qual o indivíduo se procura ajustar ao meio.

Segundo o autor, o coping é entendido como um processo que se modifica em função do tempo e da situação, sendo contemplado como um processo situacional (Dell’Aglia, 2000). Contudo, outros autores (O’Brien & DeLongis, 1996, Watson & Hubbard, 1996, cit. in Dell’Aglia, 2000), consideram que “as diferenças individuais podem influenciar as respostas de coping a partir da existência de certa estabilidade em suas manifestações, representada por *estilos* ou *disposições*” (p. 16). Deste modo, quando o coping remete para características de personalidade e fatores disposicionais, falamos em estilos/padrões de coping, sendo que as estratégias se referem a processos cognitivos e/ou comportamentais numa situação particular (Carver, Scheier, & Weintraub, 1989, cit. in Dinis, Gouveia, & Duarte, 2011; Dell’Aglia, 2000).

Na teoria transacional de coping de Lazarus (1966), cujas dimensões foram sendo atualizadas, contemplam-se duas principais no momento: o “coping focado no problema” e o “coping focado nas emoções”. A primeira remete para as estratégias utilizadas para gerir ou alterar a relação perturbadora da pessoa com o ambiente, que é fonte de *stress*, enquanto que a segunda remete para as estratégias que o indivíduo utiliza para regular emoções *stressantes*. Contudo, Pais-Ribeiro e Santos (2001) referem que, apesar desta classificação ter sido inicialmente útil, falha na “expressão da riqueza e complexidade dos processos de coping humanos” (p. 492), até porque algumas estratégias de coping se enquadram em ambas as categorias, como a procura de aconselhamento.

Dias, Cruz e Fonseca (2010), num estudo com atletas, mencionam ainda que muitas investigações concluem que as estratégias de coping utilizadas são variadas, muitas vezes combinadas e simultaneamente focadas no problema e na regulação das emoções (e.g.,

Crocker & Graham, 1995; Dale, 2000, cit. in Dias, Cruz, & Fonseca, 2010). Visando dar conta da diversidade de coping, Folkman e Lazarus (1988) definem oito tipos de estratégias de coping: o confronto, o distanciamento, o autocontrole, a procura de suporte social, a aceitação da responsabilidade, a fuga-evitamento, a resolução de problemas e a reavaliação positiva. O coping de confronto e a resolução de problemas são consideradas estratégias focadas no problema, enquanto que o distanciamento, o autocontrole, a aceitação da responsabilidade, a fuga-evitamento e a reavaliação positiva são consideradas estratégias focadas na regulação emocional (Folkman, Lazarus, Dunkel-Schetter et al., 1986, cit. in Folkman, Lazarus, Pimley, & Novacek, 1987). A procura de suporte social pode ter ambos os objetivos (ibid.; Beresford, 1994, cit. in Dell’Aglia, 2000).

Outros autores procuraram diferentes categorizações das estratégias de coping (e.g., Rosenstiel & Keefe, 1983; Greenglass, Schwarzer, Jakubiec, Fiksenbaum, & Taubert, 1999; Addison et al., 2007; Carver, 1997). Contudo, parece não existir ainda uma conceptualização consensual ao nível do construto, ou ao nível das categorias das estratégias de coping (Dinis, Gouveia & Duarte, 2011; Skinner, Edge, Altman, & Sherwood, 2003). Apesar das críticas às categorias de coping de Lazarus (1966) (Skinner et al., 2003), Folkman e Lazarus (1988) foram atualizando as dimensões de coping, incluindo uma gama mais ampla de estratégias nas classificações iniciais. Além disso, a perspetiva destes autores continua a ser aquela a que a maioria dos investigadores recorrem, sendo também a mais fundamentada e consolidada (Pais-Ribeiro & Santos, 2001).

Outra preocupação na comunidade científica tem sido a avaliação da adaptabilidade de um processo de coping. Segundo Lazarus, DeLongis, Folkman e Gruen (1985, p. 770, cit. in Dinis, Gouveia, & Duarte, 2011), um coping adaptativo é o que conduz ao ajustamento, medido através de construtos como “o bem-estar, o funcionamento social e a saúde somática”. Contudo, definir quando o coping é adaptativo ou não, parece depender de inúmeras variáveis. Gurung (2010), por exemplo, afirma que o otimismo e a existência de uma rede social de suporte favorecem o coping adaptativo. No entanto, o sucesso de um processo de coping ultrapassa o tipo de estratégia utilizada, sendo que outros fatores como a situação de *stress*, a avaliação subjetiva do indivíduo, o tempo e o contexto devem ser considerados (Dias, Cruz, & Fonseca, 2010).

Deste modo, mediante a situação específica, a mesma estratégia pode ser considerada num caso disfuncional e noutro funcional. Por exemplo, o evitamento é geralmente considerado não adaptativo (Carver, Scheier, & Weintraub, 1989, cit. in Dias, Cruz, &

Fonseca, 2010), mas pode ser uma estratégia funcional em situações incontroláveis (Ntoumanies & Biddle, 1998, cit. in Dias, Cruz, & Fonseca, 2010). Dias, Cruz e Fonseca (2010) afirmam, de acordo com Roth e Cohen (1986 cit. in ibd.) que “a maior parte das estratégias emocionais são disfuncionais quando utilizadas por longos períodos de tempo” (p. 27).

No geral, algumas estratégias de coping foram relacionadas com um funcionamento mais saudável, como a resolução de problemas e a procura de informação (categorizada como sendo uma estratégia de procura de suporte social, segundo Folkman et al., 1987) (ibd.). Também Folkman e Lazarus (1988) consideram algumas estratégias de coping geralmente positivas, como a reavaliação positiva e a resolução de problemas. Além disso, os estilos de coping racional e distanciado foram considerados por Wilkinson, Walford e Espnes (2000, cit. in Dinis, Gouveia, & Duarte, 2011) como os melhores preditores do bem-estar.

Por outro lado, outras estratégias de coping como o desamparo, a passividade, a fuga e a oposição, surgem associadas a um funcionamento não adaptativo (baixa competência e adaptação) (ibd.). Folkman e Lazarus (1988) consideram a fuga-evitamento, o autocontrolo e a aceitação da responsabilidade como estratégias de coping geralmente negativas. A ruminação também foi positivamente relacionada com estilos de coping não adaptativos (emocional e evitante) e negativamente com estilos adaptativos, segundo (Roger, Jarvis, & Najarian, 1993, cit. in Dinis, Gouveia, & Duarte, 2011).

No entanto, como já foi referido, é necessário salientar que a adequação de uma estratégia (em função da promoção do bem-estar) depende de outros fatores como a situação e o contexto (Folkman & Lazarus, 1988); não sendo possível definir *a priori* a sua adaptatividade. Além disso, alguns autores defendem que tanto o coping focado nas emoções como o focado no problema são importantes para a adaptação ao *stress* (Boekaerts, 1996, Compas, 1987a, Kliever, 1991, cit. in Dell’Aglia, 2000), e dependem da controlabilidade percebida da situação de *stress*, sendo que, quando esta é elevada, o coping focado no problema é mais utilizado face ao focado nas emoções, e vice-versa (Carver, Scheier, & Weintraub, 1989, cit. in Dinis, Gouveia, & Duarte, 2011; Rudolf, Dennig, & Weisz, 1995, Skinner, 1995, cit. in Zimmer-Gembeck & Skinner, 2008).

Deste modo, parece haver evidências de que o coping adaptativo é caracterizado, mais do que por determinadas estratégias, por uma ampla gama de estratégias disponíveis e pela flexibilidade aquando da escolha da estratégia a utilizar (Compas, 1987, cit. in Dias, Cruz, & Fonseca, 2010; Zimmer-Gembeck & Skinner, 2008). Neste sentido, alguns autores

(Lazarus & Folkman, 1984, Skinner & Zimmer-Gembeck, 2007, cit. in Zimmer-Gembeck & Skinner, 2008) concluem que um coping bem sucedido depende essencialmente da capacidade do indivíduo gerir os sistemas de reação ao *stress* ou de regulação da ação, sob situações de medo, desafio e perda.

Apesar das dificuldades em estudar a adaptatividade do coping, a associação de determinadas estratégias com a saúde mental e de outras com a psicopatologia (Billing & Moos, 1981, Pearlin & Schooler, cit. in Dinis, Gouveia, & Duarte, 2011), podem sugerir a prevalência de padrões de coping mais ou menos adaptativos intragénero e/ou grupo cultural. De qualquer modo, ainda que seja difícil extrapolar as conclusões para a existência de estilos de coping mais ou menos adaptativos, a utilização de determinadas estratégias, em detrimento de outras, é uma fonte de informação importante.

1.1.1. Diferenças culturais no coping

Segundo Zimmer-Gembeck e Skinner (2008), o coping depende, entre outros fatores, dos contextos sociais e das relações interpessoais. De acordo com o U.S. Department of Health and Human Services (2001), poucos são os investigadores que duvidam da importância da cultura na promoção de diferentes formas de coping. Gurung (2010) refere mesmo que a cultura pode ser um fator que influencia o tipo de estratégia de coping utilizada.

Além disso, alguns autores (Laborin & Vera-Noriega, 2000, Vera-Noriega & Silva, 2000, Vera-Noriega, 1997, cit. in Noriega, Albuquerque, Alvarez, & Pimentel, 2003), concluem que, apesar das evidências de que alguns aspetos da personalidade têm influência no tipo de estratégia de coping utilizada, “a personalidade e o coping dão-se num contexto que propicia ou favorece determinado tipo de resposta e este contexto pode ser específico como a situação particular com que se lida, ou mais amplo e geral como a cultura”² (p. 18).

Quando se trata de compreender o modo como a cultura pode influenciar as estratégias de coping evidenciadas pelos membros de uma sociedade, muitos autores recorrem aos padrões de coletivismo ou de individualismo para classificar as diferentes culturas, definindo, posteriormente, estilos de coping destas culturas (e.g., Gurung, 2010; Hofstede, 2006; House et al., 2004; Kuo, 2012).

² Traduzido do original em português do Brasil.

Uma das tentativas de estudo e classificação de culturas consiste no projeto GLOBE (*Global Leadership and Organizational Behaviour Effectiveness*, House, Hanges, Javidan, Dorfman, & Gupta, 2004). Os autores definiram *clusters* culturais, considerando, como se referiu, diversos aspetos, entre os quais o coletivismo intragrupo (definido como o grau em que os indivíduos expressam orgulho, lealdade e coesão nas suas organizações ou famílias).

Segundo Gurung (2010), as estratégias de coping evidenciadas em culturas coletivistas incluem o coping individualista (lidar com o problema individualmente); a procura de suporte social na família, em membros do mesmo grupo étnico ou em indivíduos que vivenciaram perdas semelhantes; a tolerância (coping emocional); a religiosidade, e as práticas tradicionais. Kuo (2012) definiu um estilo de coping coletivista que inclui estratégias semelhantes. Bozon e Heilborn (2001) justificam a maior utilização de estratégias de procura de suporte social em culturas coletivistas, com a necessidade de aprovação social dos seus membros. Além disso, o coping de culturas coletivistas também parece integrar estratégias de modificação interna, isto é, de adaptação/modelação dos sentimentos e pensamentos de modo a promover uma maior adaptação à situação externa (Lam & Zane, 2004, cit. in Kuo, 2012). Deste modo, o coping coletivista também parece integrar estratégias de regulação emocional.

No entanto, segundo a maioria dos autores (e.g., Hofstede, 2006; House et al., 2004), as culturas portuguesa e brasileira caracterizam-se por padrões coletivistas, pelo que se torna difícil compará-las em termos dos processos de coping. Outra dificuldade surge do facto de a literatura incidir maioritariamente sobre as culturas norte americanas (Kuo, 2012; Gurung, 2010), carecendo estudos em torno de populações latinas (Kuo, 2012).

Contudo, ainda que poucos, alguns estudos (e.g., Dias, Cruz, & Fonseca, 2010; Noriega et al., 2003) abordam o coping no seio de culturas portuguesas e brasileiras, embora não as comparem entre si. Num estudo com atletas portugueses, Dias, Cruz e Fonseca (2010) verificaram que estes manifestam uma preferência pelo uso de estratégias adaptativas (coping ativo, resolução de problemas, reavaliação positiva e aceitação da responsabilidade), utilizando simultaneamente estratégias de coping emocionais e focadas no problema. As estratégias menos utilizadas pelos atletas portugueses foram o abuso de substâncias, o evitamento, a negação e estratégias religiosas.

Por sua vez, Silva, Gomes e Correia (2009), consideraram que os portugueses possuem uma orientação a longo prazo, ou seja, que se regem por uma perspetiva pragmática orientada para o futuro, definindo objetivos a longo prazo. Ora, esta orientação

a longo prazo tem sido associada a estratégias de coping ativas (Wong & Wong, 2006), o que vai de encontro ao estudo de Dias, Cruz e Fonseca (2010) no que concerne à utilização de estratégias de coping ativas por parte dos portugueses.

Relativamente ao coping na população brasileira, um estudo com indivíduos do Paraíba (Noriega, et al., 2003), revelou que estes usam mais estratégias diretas e revalorativo-sociais do que evasivas, e do que emocionais. Contudo, uma vez que a população do nordeste brasileiro difere da carioca nos padrões culturais (Becker et al., 2012) e em termos de classes sociais (Rezende, 2001), não podemos considerar estes resultados como generalizáveis à população carioca sobre a qual o presente estudo se debruça.

1.1.2. Diferenças de género no coping

Para compreendermos as diferenças culturais de coping, é importante contemplarmos as diferenças de género, já que a literatura nos indica que estas influenciam as estratégias de coping (e.g., Barker & Loewenstein, 1997; Dias, Cruz, & Fonseca, 2010).

No que toca ao género feminino, exceto alguns autores (e.g., Folkman et al., 1987), a maioria considera que este utiliza mais estratégias emocionais (Crocker & Graham, 1995, cit. in Dias, Cruz, & Fonseca, 2010), sendo que o masculino recorre mais a estratégias focadas no problema (Carver, Scheier, & Weintraub, 1989, Folkman, Lazarus, Dunkel-Schetter, DeLongis, & Gruen, 1986, cit. in Dias, Cruz, & Fonseca, 2010). Também Tannen (1990, cit. in Hook et al., 2003) considera que os homens, quando confrontados com emoções problemáticas, tendem a utilizar estratégias de resolução de problemas, ao passo que as mulheres procuram entender a situação.

Para alguns autores, os indivíduos do género feminino tendem mais a procurar o suporte social (Zimmer-Gembeck & Skinner, 2008), enquanto que os homens recorrem mais ao abuso de substâncias (Dias, Cruz, & Fonseca, 2010), à procura da resolução direta do problema, à distração e ao evitamento como formas de coping (Zimmer-Gembeck & Skinner, 2008). Folkman e Lazarus (1980, cit. in Folkman et al., 1987) e Gruen e DeLongis (1986, cit. in Folkman et al., 1987) verificaram que os homens utilizavam mais o autocontrolo e as mulheres utilizavam mais a reavaliação positiva.

Verificando-se estas diferenças, aquela que parece ser mais consensual na literatura é o facto de as mulheres recorrerem, mais do que os homens, à procura de suporte social, o que parece ser transversal às diferentes culturas (Gurung, 2010). Taylor et al. (2000, cit. in

Gurung, 2010) considera mesmo que o género feminino é um dos maiores preditores deste tipo de estratégias.

Relativamente às diferenças de coping entre homens e mulheres, vários autores têm procurado sustentá-las à luz dos papéis culturais de homem e mulher. De acordo com Dias, Cruz e Fonseca (2010), alguns autores (Carver, Scheier, & Weintraub, 1989, Folkman et al., 1986; Hudek-Knežević, Kardum, & Vukmirović, 1999, cit. in Dias, Cruz, & Fonseca, 2010) justificam o maior consumo de substâncias por parte dos homens, e o uso de estratégias emocionais por parte das mulheres como conducentes com os papéis tradicionais de género, sendo que as mulheres são encorajadas a utilizar estratégias emocionais de coping e a expressar as emoções, e o mesmo é desencorajado nos homens, que são socializados no sentido do uso de estratégias instrumentais (Ptacek, Smith, & Zanas, 1992, cit. in Dias, Cruz, & Fonseca, 2010). Na mesma linha, Tannen (1990, cit. in Hook et al., 2003) refere que os homens têm tendência a agir instrumental e assertivamente e a assumir posições de poder. Também Goleman (1986, cit. in Hook et al., 2003) verificou que os homens utilizam estratégias mais orientadas para a ação, e as mulheres mais orientadas para a comunicação. Deste modo, os homens e as mulheres parecem tender a lidar com o *stress* de forma similar dentro do género, na medida da sua identificação com os papéis de género (Zimmer-Gembeck & Skinner, 2008).

Tendo em conta a importância da identificação dos papéis de género nas estratégias de coping de homens e mulheres, procurámos compreendê-la no seio das culturas portuguesa e brasileira. House et al. (2004) definiram a igualdade de género como o grau de minimização das diferenças culturais de género, e concluíram que os portugueses revelam uma maior igualdade de género do que os brasileiros. Hofstede (2006) parece ir de encontro a esta perspectiva, ao concluir que os brasileiros revelam valores mais elevados de masculinidade do que os portugueses. Contudo, dado que os estudos contemplam o país brasileiro, pouco sabemos acerca da igualdade de género nos seus diferentes estados, que se diversificam em termos étnicos e culturais (Wadholm, 2008).

Consideradas as perspectivas dos diversos autores que abordam as implicações culturais e de género nas estratégias de coping, procuraremos, no capítulo seguinte, proceder à revisão da literatura acerca do medo da intimidade, de modo a compreender se este terá implicações nesta relação.

Capítulo II

Medo da intimidade

Capítulo II – Medo da intimidade

2.1. Intimidade e medo da intimidade

Apesar de ser um conceito central no âmbito das relações significativas, a intimidade é também um conceito bastante complexo (Costa, 2005). Contudo, nas últimas décadas, vários autores se debruçaram sobre o seu estudo e definição (e.g., Altman & Taylor, 1973; Clark & Reis, 1988; Costa, 2005; Firestone & Catlett, 2000; Hatfield, 1984), tendo contribuído para uma maior compreensão da intimidade.

Altman e Taylor (1973) definem a intimidade como a disposição para a autorrevelação sobre assuntos do foro privado ou como o envolvimento físico. Além disso, a preocupação, o sentimento (Hatfield, 1984) e a confiança no parceiro (McDonald, 2000) parecem ser fundamentais quando se trata de definir e caracterizar as relações de intimidade. Por sua vez, Clark e Reis (1988) e Reis e Shaver (1988, cit. in Laurenceau, Rivera, Schaffer, & Pietromonaco, 2004), sublinham a importância da afeição, da validação e da autorrevelação como aspetos que contribuem para o desenvolvimento e manutenção das relações de intimidade.

Nas diferentes concepções, sobressai o conceito de autorrevelação, em torno do qual, estes e outros autores (e.g., Brunell, Pilkington, & Webster, 2007; L'Abate & L'Abate, 1979) delinearam as suas definições de intimidade. A sua importância parece dever-se ao facto de este se revelar o maior preditor da continuidade das relações (Clark & Reis, 1988, Reis & Shaver, 1988, cit. in Laurenceau et al., 2004; Berg & McQuinn, 1986 cit. in Clark & Reis, 1988; Fruzzetti & Jacobson, 1990; L'Abate & L'Abate, 1979).

Mais tarde, Costa (2005) concebe a intimidade como, mais que um processo, uma estrutura de desenvolvimento desde o nascimento até à morte, fundamental para o bem-estar psicológico e social do indivíduo. Além disso, a autora considera que a capacidade para a intimidade implica a diferenciação dos *selves*, antitética da fusão que ocorre quando não existe essa mesma diferenciação. Esta definição surge no âmbito da teoria integrativa do desenvolvimento da intimidade (Costa, 2005), que conjuga os paradigmas do desenvolvimento psicossocial de Erikson (1959) e da teoria de vinculação de Bowlby (1979, cit. in Costa, 2005). Segundo a autora, “é num processo contínuo de desenvolvimento de vinculações seguras e numa confiança básica construídas inicialmente na relação com os pais, bem como num processo de identificação com o casal (marido e mulher que são os pais), que se estabelecem os alicerces de uma capacidade para a

intimidade” (p. 10), que se vai construindo e reconstruindo ao longo da vida, em diferentes relações (Sobral & Costa, 2008).

Sendo a intimidade um conceito complexo, no caso do medo da intimidade, conceito igualmente intrincado, verifica-se a labilidade da sua terminologia, sendo que alguns autores utilizam, precisamente, a expressão *medo da intimidade* (e.g., Descutner & Thelen, 1991; Firestone & Catlett, 2000; McDonald, 2000), outros *percepção de risco de intimidade* (e.g., Brunell, Pilkington, & Webster, 2007; Pilkington & Richardson, 1988), e outros ainda *fears of attachment* (e.g., Sable, 1983).

Descutner e Thelen (1991) definem o medo da intimidade como a “capacidade inibida de um indivíduo, devido à ansiedade, para partilhar pensamentos e sentimentos significativos com outro significativo³” (p. 219), ou seja, como a inibição da autorrevelação. Outros, por sua vez, consideraram que baixos níveis de confiança e de autorrevelação prejudicam a qualidade da intimidade, conduzindo a uma menor satisfação relacional (Brunell, Pilkington, & Webster, 2007).

Na tentativa de compreender e definir as diferentes configurações que o medo da intimidade pode apresentar, vários autores preocuparam-se com a sua definição e caracterização. Deste modo, Pasini (1990) define três principais medos da intimidade, o medo da fusão, o medo de ser descoberto (como medo de autorrevelação) e o medo das perdas. Hatfield (1984) considera o medo da exposição, o medo do abandono, o medo de ataques de raiva, o medo de perder o controlo, o medo dos impulsos destrutivos, e o medo de perder a própria individualidade. Chelune, Waring, Yosk, Sultan e Ogden (1994) referem que o medo da intimidade reside no receio de ser rejeitado, de perder o poder, de ser criticado ou de ser ridicularizado.

Como temos vindo a sublinhar, a autorrevelação tem surgido como um dos conceitos centrais da intimidade e do medo da intimidade, sendo aquele que logra maior destaque na literatura. Com idêntico relevo, os autores sublinham a importância do equilíbrio saudável entre autonomia e dependência (Brown & Amatea, 2000). Por exemplo, Lichtenberg (1991) considera que a intimidade requer um balanço entre autonomia e fusão com o companheiro. Também outros investigadores consideram a diferenciação do *self* crucial para o desenvolvimento da capacidade para a intimidade (e.g., Costa, 2005; McDonald, 2000), representando a não diferenciação um potencial para o estabelecimento de uma relação fusional.

³ Traduzido do original em inglês.

Nesta linha, Sobral e Costa (sub.), no artigo de desenvolvimento do *Fear of Intimacy Components Questionnaire* (FICQ), consideram o medo de perder o próprio *self* e o medo de perder o outro, como os principais componentes do medo da intimidade, considerando a importância do equilíbrio saudável entre autonomia e dependência.

Algumas explicações têm sido avançadas para entender a forma como o medo da intimidade se desenvolve (Firestone & Catlett, 2000; Hazan & Shaver, 1987; Sobral & Costa, 2008). Nas abordagens desenvolvimentais da intimidade, constata-se que diferentes processos de desenvolvimento, mais ou menos adaptativos, podem ser mediados por modelos internos (Bowlby, 1969, cit. in Costa, 2005). Bartholomew (1990, cit. in Costa, 2005), com base nos padrões de vinculação definidos por Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978, cit. in Costa, 2005), desenvolve o modelo bidimensional que contempla quatro padrões de vinculação adulta, o seguro, o preocupado, o desinvestido e o amedrontado. Estes três últimos são padrões de vinculação insegura, em que o modelo de si, do outro, ou ambos são negativos, respectivamente.

Sroufe (2005) demonstrou que estes padrões de vinculação têm implicações no desenvolvimento normativo bem como no patológico. Contudo, os estilos de vinculação segura ou insegura não são em si mesmos deterministas, mas são considerados pelo autor como fatores protetores ou de risco, respectivamente. Deste modo, o autor considera que indivíduos com vinculação insegura na infância parecem predispostos a uma maior dependência interpessoal e menor autoconfiança. Os estilos de vinculação insegura parecem, portanto, estar relacionados com conceitos que caracterizam o medo da intimidade (Firestone & Catlett, 2000; Hazan & Shaver, 1987, cit. in Thorberg & Lyvers, 2006; Sobral & Costa, sub.; Sobral & Costa, 2008).

Considerando que a capacidade para a intimidade necessita de um processo de construção da identidade (Costa, 2005), e que padrões de vinculação insegura parecem promover tanto a dependência como o evitamento (Firestone & Catlett, 2000), o medo da intimidade parece ter raízes nas relações de vinculação precoces (Firestone & Catlett, 2000; Sobral & Costa, sub.; Sobral & Costa, 2008) e na forma como se processa a diferenciação do *self* nestas e nas relações de vinculação com o parceiro amoroso (Sobral & Costa, 2008). Contudo, se as relações de vinculação parecem influenciar o medo da intimidade, pouco se sabe acerca das implicações que o contexto sociocultural pode ter na prevalência do mesmo.

2.1.1. Diferenças culturais no medo da intimidade

Atualmente, sabe-se que muitos fatores culturais e sociais podem promover o *stress* psicológico, interferindo com o bem-estar (U.S. Department of Health and Human Services, 2001). Considerando que muitos aspetos da intimidade relacional variam mediante o contexto cultural (e.g., Ting-Toomey, 1991), podemos conjecturar, portanto, que este pode influenciar a prevalência do medo da intimidade em determinadas culturas, comparativamente a outras.

No entanto, as diferenças transculturais do medo da intimidade não são, tanto quanto sabemos, abordadas na literatura, senão no que toca às características relacionais dos indivíduos em diferentes culturas (Bozon & Heilborn, 2001; Oleiro, 2011; Ting-Toomey, 1991). Além disso, apesar das diferenças da vivência da intimidade entre culturas, prevalece a dificuldade em reunir as conclusões dos diversos estudos, já que muitas investigações não são transculturais e, além disso, avaliam diferentes aspetos das relações de intimidade (Bozon & Heilborn, 2006; Heilborn, 1999; Oleiro, 2011). Para colmatar esta dificuldade, muitos autores recorreram à classificação das culturas mediante os padrões de coletivismo, sendo posteriormente possível auferir, através da similaridade cultural, que características da vivência da intimidade em determinada cultura tenderiam a ser comuns a outras.

O coletivismo tem sido, embora não consensualmente, associado a características que favorecem a intimidade. Alguns autores (Heine, 2001, Lebra, 1976, Markus & Kitayama, 1991, cit. in Marshall, 2008) consideram que o coletivismo pode encorajar uma maior responsividade à família ou ao parceiro romântico. Contudo, como a investigação neste âmbito é ainda pouco consensual e escassa, e sobretudo porque as culturas portuguesa e carioca se caracterizam por padrões coletivistas, debruçar-nos-emos sobre os trabalhos que incidem sobre as relações de intimidade na cultura portuguesa e carioca, de modo a aprofundar as diferenças culturais neste âmbito.

No que concerne aos aspetos culturais da intimidade no Rio de Janeiro, Bozon e Heilborn (2001), desenvolvem um estudo comparativo entre cariocas e parisienses sobre as trajetórias afetivo-sexuais, as representações da primeira experiência amorosa e sexual, e sobre as classificações que os sujeitos têm do seu primeiro parceiro, bem como das pessoas do género oposto aquando da entrada na vida amorosa. Os autores concluem que a interação verbal e o contacto corporal com o parceiro são os principais indicadores da moderação cultural das emoções no Rio de Janeiro.

Os traços característicos do carioca, mencionados pelos autores, são a extroversão corporal, a importância de controlo atribuída à família ou ao grupo de pares, e a possibilidade de aproximação física direta, sem a mediação da linguagem. Outro aspeto considerado é a importância atribuída ao contacto físico inicial, nomeadamente à relação sexual, na progressão da relação de intimidade. Esta importância atribuída à relação sexual parece ser explicada com o facto de a desinibição sexual caracterizar a sociedade brasileira (Heilborn, 1999). Segundo Bozon e Heilborn (2001), a sociedade brasileira herda um modelo de sociedade no qual as relações pessoais, a proximidade e a autoridade familiar patriarcal funcionam como elementos estruturantes do campo social. Por estes motivos, de acordo com os autores, quando as relações de intimidade progridem para relações sérias, o carioca dá importância à aprovação social do/a companheiro/a pela família e pelo grupo de pares; bem como à monitorização da conduta do parceiro.

Contudo, Heilborn (1999) e Bozon e Heilborn (2006) ressaltam que as relações de intimidade significativas, como o namoro, têm vindo a sofrer uma transformação no Rio de Janeiro, acrescentando-lhes outra vertente relacional, o “ficar”, que designa relacionamentos casuais de longa ou curta duração, que envolvem intimidade física, mas não implicam um vínculo de compromisso. No estudo de Bozon e Heilborn (2006), cerca de 90% dos homens e de 78% das mulheres cariocas (18 aos 24 anos) já tinham tido relacionamentos casuais como os descritos.

Relativamente à intimidade em Portugal, Oleiro (2011) verificou resultados que contrastam com os referidos acerca das relações de intimidade dos cariocas. A autora, num estudo qualitativo com jovens adultos, considera que os portugueses, simultaneamente, investem nas suas relações de intimidade e valorizam a aquisição da independência e autonomia. Além disso, a autora considera que os portugueses valorizam a autorrevelação, nomeadamente o género feminino, sendo também este que mais procura validação pessoal nos seus relacionamentos.

2.1.2. Diferenças de género no medo da intimidade

A investigação em torno das diferenças de género no medo da intimidade parece ser ainda escassa, o que justifica a pertinência do seu estudo. Embora algumas investigações se debrucem sobre diferenças de género em componentes da intimidade (e.g., McAdams, Lester, Brand, McNamara, & Lensky, 1988; Reis & Greyner, 2004), e nas perceções de risco da intimidade (e.g., Brunell, Pilkington, & Webster, 2007), poucos são os autores que

abordam especificamente o medo da intimidade, sendo que, os que o abordam, remetem para medidas de autorrevelação e de comportamentos de risco (e.g., Descutner & Thelen, 1991; Doi & Thelen, 1993).

Relativamente à vivência das relações de intimidade, muitos autores têm encontrado resultados que apontam para uma tendência ao decréscimo das diferenças de género. Por exemplo, Ricketts e Gochros (1987) concluíram que as diferenças são menores do que as assumidas pelos estereótipos, existindo apenas pequenas diferenças entre homens e mulheres quanto à habilidade e à predisposição para o estabelecimento de relações amorosas. Os autores explicam que os homens e as mulheres que caracterizam a sociedade moderna, parecem evidenciar características andróginas, cujas semelhanças são maiores do que as diferenças sugeridas pelos estereótipos. Por outro lado, enquanto que as mulheres tradicionais parecem estar mais confortáveis nos encontros íntimos do que os homens tradicionais, estes, por sua vez, estão mais confortáveis no que toca a agir de forma independente.

No que concerne ao medo da intimidade, alguns autores (Descutner & Thelen, 1991; Doi & Thelen, 1993) concluem que os valores de medo da intimidade são idênticos entre os géneros feminino e masculino, concordando com a supramencionada tendência para a crescente dissolução das diferenças tradicionais de género. Segundo Cacioppo, Petty e Kao (1984, cit. in Doi & Thelen, 1993), os homens que tendem a ser mais dogmáticos, identificando-se com o papel de género, revelam mais medo da intimidade. Segundo Patrick e Bachenbach (2009), os homens que se identificam com o papel masculino tendem a rejeitar o feminino, tendendo menos à expressão emocional. Além disso, a prevalência de uma correlação negativa entre a necessidade racional e o medo da intimidade nos homens (Doi & Thelen, 1993), sugere que os homens que reavaliam as normas masculinas, ultrapassando a restrição emocional do papel de género (O'Neil, 1981, cit. in ibd.), tendem a ter menos medo da intimidade.

Relativamente às diferenças de género nas perceções de risco da intimidade, Brunell, Pilkington e Webster (2007) concluem que ambos os géneros, quando a intimidade é percebida como um risco, realizam menos autorrevelação com o companheiro, o que afeta negativamente a qualidade da relação. Por outro lado, também se conclui que os homens percecionam a qualidade da relação como diminuta quando as suas companheiras percecionam a intimidade como um risco, o que, segundo os autores, pode ser explicado pela menor autorrevelação apresentada por essas mulheres.

Como já foi referido, alguns estilos de vinculação adulta podem estar relacionados com o medo da intimidade. Reis e Greyner (2004) referem que, nas mulheres, os estilos de vinculação preocupado e amedrontado têm sido associados com sintomas depressivos, e que estes sintomas, por sua vez, se relacionam com o evitamento da intimidade por medo da rejeição, o que parece estar em concordância com a hipótese de Brunell, Pilkington e Webster (2007), de que as mulheres com elevadas perceções de risco da intimidade se sentem menos satisfeitas consigo mesmas numa relação de intimidade.

Brunell, Pilkington e Webster (2007), referem ainda que a elevada perceção de risco na intimidade nas mulheres está relacionada com uma menor perceção de autorrevelação por parte do parceiro, mas o mesmo não se verifica para os homens. Segundo os autores, por motivos sociais, isto pode dever-se à menor sensibilidade masculina para a intimidade, comparativamente com as mulheres.

Apesar de algumas investigações apontarem no sentido da cada vez menor diferenciação entre homens e mulheres na sociedade moderna, no que toca à intimidade ou ao seu evitamento (Descutner & Thelen, 1991; Doi & Thelen, 1993; Ricketts & Gochros, 1987), algumas diferenças encontradas, contrastantes com as anteriores, não devem ser ignoradas. Além disso, a maior identificação com os papéis tradicionais de género parece ter implicações nas relações de intimidade (Marshall, 2008), favorecendo o desenvolvimento da intimidade nas mulheres, e dificuldades na intimidade nos homens (e.g., Ricketts & Gochros, 1987).

McAdams et al. (1988) consideram que as mulheres parecem mais predispostas à intimidade do que os homens, pois parecem revelar maior motivação para a intimidade (referindo, por exemplo, uma maior predisposição para a entrega e para o afeto positivo nas relações românticas). Tannen (1990, cit. in Hook, Gerstein, Detterich, & Gridley, 2003), considera que as mulheres têm mais tendência a iniciar intimidade verbal e a expressar empatia. Além disso, Hook et al. (2003) concluíram que as mulheres dão mais ênfase ao amor, afeição, expressão de sentimentos e partilha emocional. Também Pasini (1990) considera que as mulheres têm mais facilidade em abordar temas da intimidade. Mais ainda, segundo Ting-Toomey (1991), os indivíduos do género feminino revelam maior grau de compromisso amoroso, autorrevelação e expressões de conflito interpessoal, do que os homens. Hatfield (1984) defende ainda que as mulheres têm mais facilidade com a proximidade íntima.

Por sua vez, os homens parecem ter mais facilidade no desenvolvimento da sua autonomia e independência (Hatfield, 1984), tendendo a serem defensivos afetivamente,

como reflexo do medo da intimidade autêntica (Pasini, 1990). Quanto a esta proposta de os homens terem mais medo da intimidade do que as mulheres, Pasini (1990) avança algumas explicações considerando, nomeadamente, que a dificuldade masculina na expressão de sentimentos pode contribuir para o seu receio de se exporem emocionalmente. Segundo o mesmo autor, também são os homens quem mais somatiza ou se isola, pelo medo da intimidade, sendo estas as manifestações da negação da necessidade vital da intimidade. Land, Rochlen e Vaughn (2011) também encontram evidências que sustentam a tendência masculina para minimizar a intimidade nas relações românticas (Blazina, 1997, 2004, cit. in Land, Rochlen, & Vaughn, 2011). Esta parece derivar de uma transmissão intergeracional de estratégias pouco adaptativas de regulação dos afetos (Land, Rochlen, & Vaughn, 2011), inerentes ao papel tradicional de género masculino, que tende a ignorar as suas necessidades afetivas e emotivas, designando-as como exclusivas do género feminino (Addis & Mahalik, 2003; Levant, 1996, cit. in Land, Rochlen, & Vaughn, 2011; Pasini, 1990).

Além disso, a facilitada aprendizagem da intimidade, por parte das mulheres, no seio da relação primária com a mãe – ao passo que os homens necessitam de uma troca de papéis, através da identificação ao pai, para adquirirem uma identidade masculina – pode explicar as dificuldades masculinas na vivência da intimidade (Pasini, 1990).

Estes resultados parecem sugerir que os homens têm mais medo da intimidade do que as mulheres, ainda que, devido à não consensualidade entre os autores, seja necessária alguma prudência quanto à interpretação das diferenças de género no medo da intimidade. Além disso, como estas investigações não foram realizadas em Portugal ou no Brasil, permanece ainda uma escassez de estudos que contemple as diferenças de género no medo da intimidade numa perspetiva transcultural.

2.2. Implicações do medo da intimidade no coping

Apesar de não termos encontrado estudos que relacionem especificamente o medo da intimidade com o coping, alguns estudos (e.g., Vedes, Nussbeck, Bodenmann, Lind, & Ferreira, 2013) debruçaram-se sobre a relação entre o coping e a intimidade.

Bodenmann (1997, 2005, cit. in Vedes et al., 2013), ao conceber o conceito de coping diádico (forma como os casais lidam com o *stress*), preocupou-se com a relação entre as estratégias de coping e a intimidade do casal. Aliás, muitos são os estudos que referem as implicações do coping diádico nas relações de intimidade (Vedes et al., 2013).

Os mesmos autores, confirmaram uma correlação significativa entre o coping diádico e a satisfação com a relação, os significados partilhados, os processos de conflito e a qualidade da sexualidade, do romance e da paixão. Contudo, o coping diádico, concebido segundo Bodenmann (1997, 2005, cit. in Vedes et al., 2013) como um processo interpessoal circular que envolve as avaliações individuais e do parceiro, objetivos e recursos comuns, é um tipo de coping específico da relação conjugal e, por isso, não nos dá informações específicas acerca das estratégias individuais. Sobre estas, apenas existem alguns estudos que relacionam determinadas estratégias de coping com componentes da intimidade. Billings, Folkman, Acree e Moskowitz (2000), concluem que as estratégias de coping de aproximação estão associadas com um aumento do afeto positivo. Mikulincer (1998), constatou que os indivíduos mais seguros adotam estratégias de coping mais construtivas (conversar com o parceiro), do que indivíduos inseguros (que revelaram coping de distanciamento e ruminação). Também outros autores (Brennan & Shaver, 1995; Cooper et al., 1998; Dottan et al., 2003; McNally et al., 2003, cit. in Thorberg & Lyvers, 2006), referem que “indivíduos com um estilo de vinculação segura procuram suporte social para lidar com o *stress* emocional, enquanto que indivíduos com um estilo de vinculação insegura tendem a recorrer a outros meios, tal como o uso de álcool ou de drogas ilícitas” (p. 3).

Parecendo existir uma relação entre padrões de vinculação insegura e a utilização de estratégias de coping menos adaptativas, e considerando que estes padrões de vinculação foram associados com o medo da intimidade (e.g., Firestone & Catlett, 2000; Sobral & Costa, 2008), estas conclusões sugerem que o medo da intimidade possa estar relacionado com estratégias de coping menos adaptativas, apontando para uma relação entre o medo da intimidade e o coping.

A providenciarem uma maior compreensão sobre esta relação, estão os resultados de McCabe, Treviño e Butterfield, Sanderson e Karetzky, e Sarason e Sarason (1996; 2002; 2001 cit. in Brunell, Pilkington, & Webster, 2007), que confirmaram correlações entre elevadas perceções de risco na intimidade e baixa qualidade da relação, sugerindo que os indivíduos com maiores perceções de risco na intimidade não beneficiam das vantagens de relações íntimas de qualidade, como o suporte social e a saúde física. A este respeito, Pilkington e Richardson (1988) mencionam ainda que os indivíduos com maior perceção de risco na intimidade têm menos relações significativas, menos assertividade, menor confiança nos outros, maior introversão e maior hesitação no contacto social. Embora os autores não abordem especificamente as estratégias de coping, os resultados parecem

sugerir que os indivíduos com elevadas percepções de risco na intimidade tendem a ser menos adaptativos na vivência da intimidade.

O medo da intimidade pode ainda estar relacionado com a forma como uma situação ambígua é interpretada. Pilkington e Woods (1999) concluíram que indivíduos com elevadas percepções de risco na intimidade têm maior tendência a interpretar situações ambíguas como envolvendo rejeição, mesmo quando existem interpretações alternativas. Assim sendo, a literatura parece indicar que o medo da intimidade possa ter implicações nas formas de coping.

Em suma, a revisão da literatura parece sustentar que o contexto cultural influencia os processos de coping (Gurung, 2010; Zimmer-Gembeck & Skinner, 2008), pelo que nos propomos a explorar esta relação. Mais ainda, parece defender uma associação entre as percepções de risco na intimidade e determinados processos de coping (Pilkington & Richardson, 1988), urgindo a necessidade de avaliar se o medo da intimidade tem implicações no coping. Já que, além das estratégias de coping, as configurações das relações de intimidade variam de acordo com a cultura (e.g., Bozon & Heilborn, 2006; Oleiro, 2011), assumimos a cultura como a variável central deste estudo, em torno da qual procuramos compreender as eventuais diferenças de coping, de medo da intimidade, e das relações entre si.

Capítulo III

Estudo empírico

Capítulo III – Estudo empírico

3.1. Objetivos da investigação

Este estudo pretende explorar a forma como os indivíduos lidam com situações de *stress* em Portugal e no Rio de Janeiro, e as implicações do medo da intimidade nesta relação. Debruçámo-nos sobre estas culturas, já que a literatura carece de estudos comparativos em torno de populações latinas (Kuo, 2012). Além disso, quando se trata de avaliar o coping em diferentes culturas, muitos autores definem padrões culturais do Brasil (House et al., 2004), não distinguindo orientações culturais dos diferentes estados que o constituem, pelo que nos propusemos a estudar o Rio de Janeiro.

Como a cultura parece definir diferentes estilos de coping (Gurung, 2010), debruçamo-nos sobre a compreensão das especificidades dos contextos culturais de Portugal e do Rio de Janeiro, que pudessem antecipar diferenças na forma como os membros destas sociedades lidam com situações de *stress*. Por outro lado, a associação de dificuldades na intimidade com uma gestão pouco eficiente das situações de *stress* (Waltz, 1986), exige um maior aprofundamento da relação entre medo da intimidade e estratégias de coping, de modo a compreender as implicações que o medo da intimidade pode ter nesta relação.

Pretende-se então explorar os fatores culturais que podem influenciar o medo da intimidade, e qual a medida explicativa destes na utilização de determinadas estratégias de coping.

A pertinência do estudo transcultural surge da necessidade de providenciar um maior conhecimento acerca dos fatores que influenciam as estratégias de coping, alargando-o a explicações que ultrapassam o contexto interpessoal e aspetos desenvolvimentais, que têm sido o enfoque dos mais recentes estudos nestes âmbitos (Folkman & Lazarus, 1988; Folkman et al., 1987; LaChapelle & Hadjistavropoulos, 2005). Dado que a literatura nos aponta para a importância da consideração do género nas diferenças nas estratégias de coping, preocupámo-nos ainda em controlar esta variável, analisando-a em função da cultura, não só para a verificação da equivalência demográfica entre os dois grupos culturais, mas também para a maior compreensão de construtos tão complexos como os que aqui trabalhamos.

Definem-se de seguida as hipóteses que norteiam o estudo, contextualizando-as em termos dos principais pressupostos teóricos de base.

(H1) Espera-se que os portugueses utilizem mais estratégias focadas no problema do que os cariocas.

Esperam-se diferenças culturais na forma como os indivíduos lidam com situações de *stress*, como sugere Gurung (2010), ao considerar que a cultura influencia o tipo de estratégia de coping utilizada. Neste sentido, espera-se que os portugueses, por possuírem uma maior orientação a longo prazo (Silva, Gomes & Correia, 2009), utilizem mais estratégias focadas no problema, comparativamente aos cariocas.

(H2) Espera-se que, em ambas as culturas, as mulheres recorram mais à procura de suporte social do que os homens, e que, na amostra carioca mas não na portuguesa, as mulheres utilizem mais estratégias focadas nas emoções e os homens focadas no problema.

Espera-se que as mulheres, façam mais uso da procura do suporte social do que os homens, já que a literatura assim o sugere (e.g., Zimmer-Gembeck & Skinner, 2008). Além disso, a evidência empírica de que estas diferenças de género são consistentes e transversais a diferentes culturas (Gurung, 2010), fazem-nos antever a hipótese de que as mesmas sejam invariantes de acordo as diferentes culturas que nos propomos a estudar.

Além disso, acreditamos que as mulheres utilizem estratégias mais focadas nas emoções (e.g., Crocker & Graham, 1995, cit. in Dias, Cruz, & Fonseca, 2010) e que os homens utilizem mais estratégias focadas no problema (e.g., Carver, Scheier, & Weintraub, 1989, cit. in Dias, Cruz, & Fonseca, 2010). Segundo os trabalhos de diversos autores (e.g., Tannen, 1990, cit. in Hook et al., 2003), tanto maior serão estas diferenças quanto maior for a identificação com os papéis tradicionais de género, pelo que esperamos que estas se verifiquem na amostra carioca, mas não na amostra portuguesa, já que existe evidência de que os portugueses possuem uma maior igualdade dos papéis de género do que os brasileiros (House et al., 2004).

(H3) São esperados valores mais elevados de medo da intimidade no grupo de cariocas do que no grupo de portugueses.

Espera-se que, do mesmo modo que muitos aspetos da intimidade relacional variem com a cultura (Ting-Toomey, 1991), se verifiquem diferenças de medo da intimidade de acordo com a nacionalidade. A literatura tem evidenciado que os cariocas tendem a envolver-se em relacionamentos casuais que não implicam o compromisso e que, nestes

relacionamentos, o envolvimento físico é intenso e célere, mas muitas vezes não implica um vínculo de compromisso (Heilborn, 1999). Por outro lado, os portugueses parecem valorizar o compromisso, a autorrevelação, o equilíbrio entre a autonomia e a independência (Oleiro, 2011), e outras dimensões que estão relacionadas com a qualidade da intimidade (Clark e Reis, 1988) e negativamente relacionadas com o medo da intimidade (Sobral & Costa, sub.).

(H4) É esperado que, entre os cariocas, os homens apresentem valores mais elevados de medo da intimidade do que as mulheres, e que, entre os portugueses, não se verifiquem diferenças de género.

Apesar de alguns autores defenderem a homogeneidade dos níveis de medo da intimidade entre homens e mulheres (Descutner & Thelen, 1991; Doi & Thelen, 1993), outros defendem que os homens têm menos capacidade para a intimidade genuína ou mesmo mais medo da intimidade (Hook et. al, 2003; Land, Rochlen, & Vaughn, 2011; McAdams et al., 1988; Pasini, 1990; Ting-Toomey, 1991). Verificando-se estas diferenças entre homens e mulheres, alguns autores justificaram-nas com o grau de identificação com os papéis tradicionais de género, sendo que, quanto maior for esta identificação, mais elevados serão os níveis de medo da intimidade nos homens e mais reduzidos nas mulheres (e.g., Doi & Thelen, 1993; O'Neil, 1981, cit. in Doi & Thelen, 1993). Considerando os trabalhos de alguns autores que defendem que Portugal evidencia uma maior igualdade de género do que o Brasil (House et al., 2004; Hofstede, 2006), é esperado que existam diferenças de género no medo da intimidade na cultura carioca, sendo que os homens revelarão valores mais elevados do que as mulheres, e que as mesmas não se verifiquem na cultura portuguesa.

(H5) É esperada uma relação positiva entre o medo da intimidade e estratégias de coping de distanciamento e autocontrolo e de fuga-evitamento, e negativa entre este e a procura de suporte social.

Se o medo da intimidade é um preditor de problemas da intimidade (Descutner & Thelen, 1991), que afeta o bem-estar psicossocial e a qualidade das relações de intimidade, subsiste a questão acerca da forma como os indivíduos com medo da intimidade gerem situações de *stress*. Esperamos que os indivíduos com mais medo da intimidade tendam a recorrer a estratégias de distanciamento e autocontrolo e de fuga-evitamento, já que as

estratégias de aproximação parecem estar associadas à qualidade da intimidade (Billings et al., 2000). Além disso, as estratégias de distanciamento foram associadas a padrões de vinculação inseguros (Brennan & Shaver, 1995; Cooper et al., 1998; Dottan et al., 2003; McNally et al., 2003, cit. in Thorberg & Lyvers, 2006), e o facto de estes terem sido associados ao medo da intimidade (Sobral & Costa, 2008), consolida a fundamentação desta hipótese. Por outro lado, como as percepções de risco na intimidade foram associadas a uma maior hesitação no contacto social (Pilkington & Richardson, 1988), espera-se que os indivíduos com valores mais elevados de medo da intimidade utilizem menos estratégias de procura de suporte social.

3.2. Participantes

A amostra foi constituída por 312 sujeitos, dos quais 175 eram portugueses (84 do género masculino e 91 do género feminino) e 137 eram cariocas (64 do género masculino e 73 do género feminino). O intervalo de idades dos sujeitos variou entre os 18 e os 37 anos de idade, com uma média de idades de 24 anos ($M = 23,90$ anos; $DP = 3,76$).

Destes jovens adultos, a maioria eram estudantes (68,4% portugueses e 64,2% cariocas), outros trabalhavam (29,8% portugueses e 35,0% cariocas), e os restantes estavam desempregados ou não trabalhavam por opção. A maioria também possuía um nível de escolaridade equivalente ao ensino superior (82,9% portugueses e 81,0% cariocas), e alguns possuíam ainda o ensino secundário (16,6% portugueses e 17,5% cariocas) ou o ensino primário (0,6% portugueses e 1,5% cariocas).

A operacionalização da zona de residência foi feita, para Portugal, utilizando o NUTS II (que integra a Nomenclatura Comum das Unidades Territoriais Estatísticas) e, para o Rio de Janeiro, através de um agrupamento das sete subprefeituras em quatro zonas, incluindo-se posteriormente uma quinta zona⁴. Este agrupamento foi necessário para se obter uma classificação semelhante à utilizada para Portugal. Segundo esta classificação, a maioria dos sujeitos portugueses residia no Norte (89,1%), alguns no Centro (6,9%), e outros em Lisboa (3,4%) e no Algarve (0,6%). Dos sujeitos cariocas, a maioria residia na Zona Norte (45,6%), seguindo-se da Zona Sul (27,2%), e da Zona Oeste (15,4%), e alguns residiam ainda no Centro (6,6%) e na Zona Leste (5,1%).

⁴ As sete subprefeituras do Rio de Janeiro foram agrupadas segundo a sua localização geográfica. Deste modo, obtiveram-se quatro zonas: a Zona Norte (que resultou do agrupamento da Zona Norte com a Ilha do Governador e a Grande Tijuca), a Zona Oeste (que resultou do agrupamento da Zona Oeste com a Barra e Jacarepaguá) e a Zona Sul e o Centro (que mantiveram os bairros originais da subprefeitura). Para os sujeitos que residiam em Niterói ou em S. Gonçalo, designou-se uma quinta zona, a Zona Leste.

A maioria dos sujeitos estava numa relação amorosa (58,3% portugueses e 62,0% cariocas), seja esta uma relação com menor compromisso que o namoro⁵, de namoro, união de facto ou casamento. A referência a relacionamentos amorosos com menor compromisso, apenas surgiu na amostra carioca, com 2,9% dos sujeitos a responderem desse modo ao estado relacional (no entanto, estes sujeitos tinham tido, pelo menos, uma relação significativa). Outros, não se encontravam, no momento da recolha, numa relação (41,7% portugueses e 37,9 % cariocas).

3.3. Instrumentos

Utilizaram-se dois instrumentos de autorrelato para avaliar as estratégias de coping (WCQ, *Ways of Coping Questionnaire*; Folkman et al., 1987) e o medo da intimidade (FICQ, *Fear of Intimacy Components Questionnaire*; Sobral & Costa, sub.). Foi ainda utilizado um questionário sociodemográfico, elaborado especificamente para esta investigação. Para ambos os instrumentos, foram utilizadas as versões para o português de Portugal e do Brasil. Quanto ao WCQ, utilizaram-se as versões validadas para a população em questão, de Pais-Ribeiro e Santos (1991) para a amostra portuguesa, e de Savóia, Santana, e Mejias (1996), para a amostra carioca. Relativamente ao FICQ, foi utilizada, na amostra portuguesa, a versão validada para o português de Portugal (Sobral & Costa, sub). Sobre esta, realizou-se uma adaptação transcultural para o português do Brasil, versão que se utilizou na amostra carioca.

3.3.1. *Ways of Coping Questionnaire (WCQ)*

O *Ways of Coping Questionnaire* (WCQ; Folkman et al., 1987) é um instrumento desenvolvido para operacionalizar as “estratégias de coping”. O WCQ resultou de uma reformulação do *Ways of Coping Checklist*, dos mesmos autores. É um instrumento de investigação acerca do modo como os indivíduos lidam com os acontecimentos ou reagem aos mesmos (Folkman & Lazarus, 1988, cit. in Pais-Ribeiro & Santos, 2001).

A pertinência da escolha do WCQ prendeu-se com as limitações encontradas nos restantes instrumentos. Por exemplo, o *Coping Strategies Questionnaire* (Rosenstiel & Keefe, 1983), contempla estratégias de coping utilizadas para lidar com a dor, que não se encontram relacionadas com a temática em estudo. Além disso, Greenglass et al. (1999) desenvolveram o *Proactive Coping Inventory* que, além de ser longo (55 itens), não se

⁵ Operacionalizadas através de referências como “enrolado” ou “pré-namoro.”

encontra aferido para a população brasileira. Outra opção considerada foi o *Coping Strategies Inventory*, de Addison et al. (2007), que, além de não ser tão recente como o WCQ, não está validado para o português de Portugal, ou do Brasil. Considerou-se, por fim, o *Brief COPE* (versão reduzida do *COPE Inventory*), de Carver (1997), que não foi utilizado porque tinha menores qualidades psicométricas do que o WCQ que foi selecionado, e também porque o conteúdo do último estava mais de acordo com o ponto de partida teórico. Além disso, o WCQ é, segundo Pais-Ribeiro e Santos (1991), a versão “mais consolidada e fundamentada, e aquela a que a maioria dos autores recorreram para desenvolver os seus estudos” (p.495).

O WCQ foi desenvolvido com base na teoria transacional de coping de Lazarus (1966). É constituído por 31 itens na versão reduzida, que foi aquela que foi aplicada (66 itens integram a versão original). Estes itens englobam pensamentos e ações que os sujeitos utilizarão para lidar com exigências internas ou externas de um evento *stressante* específico, e são avaliadas numa escala de *Likert* de quatro pontos (0 – nunca usei, 1 – usei de alguma forma, 2 – usei algumas vezes, e 3 – usei muitas vezes). No que toca às cotações, apresentam-se dois métodos, o método das pontuações absolutas e o das pontuações relativas (sugerido por Vitalino, Maiuro, Russo, & Becker, 1987), sendo que neste estudo utilizamos o segundo.

Este instrumento inclui 8 escalas: o confronto, que consiste em estratégias agressivas para alterar a situação e sugere algum grau de hostilidade e de risco; o distanciamento, que consiste em estratégias cognitivas de desprendimento e minimização da situação; o autocontrolo, que consiste em estratégias de regulação dos próprios sentimentos e ações; a procura de suporte social, que consiste em estratégias de procura de suporte informativo, suporte tangível e suporte emocional; a aceitação da responsabilidade ($\alpha = ,66$), que remete para o reconhecimento do próprio papel no problema e concomitante tentativa de recompor a situação; a fuga-evitamento, que consiste em estratégias cognitivas e comportamentais desejadas para escapar ou evitar o problema (os itens desta escala contrastam com os da escala de “distanciamento”, que sugerem desprendimento); a resolução do problema, que consiste em estratégias focadas sobre o problema deliberadas para alterar a situação, associados a uma abordagem analítica de solução do problema; e a reavaliação positiva, que consiste em estratégias de criação de significados positivos, focando o crescimento pessoal.

A análise fatorial exploratória em componentes principais (rotação *Promax*) realizada para esta amostra apontou 10 fatores, que, no geral, apresentaram medidas de fiabilidade

baixas. Numa análise fatorial posterior, com extração forçada de 8 fatores, os itens organizaram-se numa estrutura fatorial diferente da proposta pelos autores, e obteve-se resultados semelhantes ao nível da fiabilidade. Como referem Pais-Ribeiro e Santos (2001), a maioria dos autores que utiliza o WCQ, encontra diferentes estruturas fatoriais entre si, e divergentes da proposta original, o que pode sugerir que seja necessária a criação de uma estrutura fatorial diferente, sempre que se utiliza este instrumento. De qualquer modo, a fraca consistência da estrutura fatorial parece ser um problema transversal à maioria dos instrumentos que operacionalizam o coping (ibd.), já que este, não sendo um traço, varia conforme a situação evocada pelo sujeito.

Conciliando as análises psicométricas e conceituais, optou-se por considerar uma estrutura fatorial que emergiu da análise fatorial exploratória, eliminando-se os itens que saturavam múltiplos fatores ou que apresentavam baixos *loadings* ($< ,4$). Realizou-se uma nova análise fatorial exploratória sobre os itens restantes, que revelou uma estrutura fatorial de 6 fatores, mas mesmo assim inconsistente, apresentando reduzidos valores de fiabilidade. Por isso, foram eliminados os itens que reduziam a consistência interna do fator respetivo, acrescentando-se itens ao fator de origem, sempre que estes aumentavam ou não reduziam significativamente a consistência interna. A análise da validade convergente e discriminante, revelou correlações significativas entre os itens e o fator a que pertenciam, assumindo-se, portanto, uma estrutura fatorial de 4 fatores (cf. anexo 9).

Os fatores revelaram moderada consistência interna, entre os quais, a procura de suporte social (PSS, $\alpha = ,734$ nos portugueses, e $\alpha = ,735$ nos cariocas), o distanciamento e autocontrolo (DAC, $\alpha = ,737$ nos portugueses, e $\alpha = ,661$ nos cariocas), a resolução de problemas (RP, $\alpha = ,731$ nos portugueses, e $\alpha = ,668$ nos cariocas), e a fuga-evitamento (FE, $\alpha = ,685$ nos portugueses, e $\alpha = ,621$ nos cariocas). A PSS engloba os itens da escala original (itens 3, 9, 14, 22, 25). O DAC resultou do somatório dos itens da escala de distanciamento com os do autocontrolo, com a exclusão de dois itens por revelarem baixa correlação com o fator (itens 6, 7, 10, 21, 23, 24). A aglutinação destas duas escalas não se opõem aos pressupostos teóricos de base, já que o distanciamento pode ser uma forma de autocontrolo (Folkman et al., 1987). A RP contém os itens originais da escala, e dois itens de outras escalas do instrumento original (itens 1, 11, 12, 19, 26, 27). Considerou-se a inclusão na RP de um item da escala da aceitação da responsabilidade, já que este pode ser interpretado como uma forma de resolução de problemas (“Pedi desculpa ou fiz algo para compor a situação”). O mesmo critério foi utilizado para a inclusão na RP de um item originalmente da escala de confronto (“Recusei desistir e lutei pelo que queria”). Por fim, a

FE contém dois itens da escala original, sendo que os restantes foram excluídos por revelarem baixa correlação com o fator, e pelo facto de a sua exclusão aumentar significativamente a consistência interna (itens 29, 30).

3.3.2. *Fear of Intimacy Components Questionnaire (FICQ)*

O *Fear of Intimacy Components Questionnaire* (FICQ; Sobral & Costa, sub.) é um instrumento que operacionaliza o “medo da intimidade”. Este foi construído com base na perspetiva integrativa do desenvolvimento da intimidade (Costa, 2005), que integra as teorias da vinculação de Bowlby (1979, cit. in Costa, 2005) e do desenvolvimento psicossocial de Erikson (1959).

A pertinência da escolha deste instrumento prende-se com as limitações dos instrumentos existentes neste âmbito, mencionadas por Sobral e Costa (sub.). Partindo do ponto de vista teórico de que o medo da intimidade abarca, não apenas a medida de autorrevelação, mas também a qualidade do equilíbrio entre dependência e autonomia, as autoras desenvolveram um modelo que contempla duas dimensões: o medo de perder o *self* (MPS), e o medo de perder o outro (MPO).

O instrumento é constituído por 10 itens (5 itens por fator), que devem ser preenchidos tendo em conta a forma como o sujeito habitualmente se sente nas relações sérias, utilizando uma escala de *Likert* de cinco pontos (1 – discordo totalmente, 2 – discordo, 3 – concordo e discordo, 4 – concordo, e 5 – concordo totalmente); sendo que pontuações mais elevadas correspondem a níveis mais elevados de medo da intimidade.

Utilizando a amostra do presente estudo, realizou-se uma análise fatorial exploratória em componentes principais com rotação oblíqua *Promax*, cuja aplicabilidade se confirmou ($KMO = 0,845$; p do teste de esfericidade de *Bartlett* $< ,05$, e valores da diagonal principal da matriz de anti-imagem das correlações $> 0,5$). Desta análise, emergiram dois fatores, MPO e MPS (com os itens da escala original), revelando o MPO 37,39%, e o MPS 13,12% da variância explicada. Os fatores revelaram ainda uma consistência interna moderada ($\alpha = ,753$ para o MPO; $\alpha = ,729$ para o MPS). Os mesmos procedimentos foram realizados por grupos de nacionalidade. Na amostra portuguesa, o FICQ apresentou a mesma estrutura fatorial, com consistência interna moderada ($\alpha = ,795$ para o MPO; $\alpha = ,745$ para o MPS). No entanto, na amostra carioca, através de uma análise fatorial com extração forçada de dois fatores, o item 3 deslocava-se para o MPS (originalmente pertence ao MPO), apresentando uma comunalidade baixa ($< 0,2$). Foi então realizada a análise de

consistência interna, com os fatores constituídos pelos itens originais, que revelou consistência moderada ($\alpha = ,706$ para o MPO; $\alpha = ,693$ para o MPS). Como a exclusão do item 3 não aumentava significativamente a consistência interna, optou-se por mantê-lo no MPO, sendo que a análise semântica do item também não pareceu possuir características que justificassem a sua permuta de fator (cf. anexo 8).

3.3.2.1. Adaptação transcultural do FICQ para o português do Brasil

Ao longo dos anos, tem-se verificado que uma das desvantagens da utilização de instrumentos de medida em estudos transculturais é a sua necessidade de validação para as diversas línguas, que não é um processo de todo simples. Schweizer (2010) refere que a avaliação da adaptação dos instrumentos de medida reside na qualidade do processo de tradução, mas salienta que, se há uns anos o procedimento de tradução/retroversão envolvendo linguistas nativos era recomendado, hoje em dia sabe-se que este método não consegue garantir elevada qualidade na adaptação do instrumento. Ou seja, além da tradução, é necessário que seja feita uma adaptação, através de entrevistas, que garanta que o valor linguístico dos itens é mantido nas diferentes culturas.

Como o FICQ foi desenvolvido originalmente em português de Portugal, surgiu a necessidade da sua validação no Brasil, visando operacionalizar o “medo da intimidade” num estudo transcultural. No entanto, a sua tradução para português do Brasil e posterior retroversão para o português de Portugal, não seriam suficientes, já que as suas propriedades psicométricas poderiam ficar comprometidas. Assim, optou-se por utilizar, em primeiro lugar, o método da “reflexão falada” (*thinking aloud*), de Goldman (1971). Este é um método de avaliação qualitativa dos itens do instrumento, sendo constituído por várias etapas, descritas de seguida. Este procedimento envolveu 7 sujeitos diferentes – 2 portugueses e 5 cariocas – sendo que cada sujeito participou unicamente numa das fases.

Em primeiro lugar, os itens do FICQ foram preenchidos e interpretados por um nativo de Portugal, de modo a averiguar as interpretações subjetivas dos itens na versão original. Posteriormente, o mesmo foi realizado com 4 nativos cariocas, 2 género masculino e 2 do feminino, com média de idades de 29,50 e 23,00 anos, respetivamente. Houve também a preocupação de seleccionar, em cada grupo de género, um elemento que estivesse numa relação amorosa e outro que não verificasse esta condição. Cada reflexão falada durou, em média, entre 60 a 90 minutos.

Cada sujeito foi instruído individualmente, num ambiente calmo e confidencial, a preencher os itens do FICQ, verbalizando os processos utilizados para responder a cada item, as dificuldades encontradas e as impressões ao longo da completação do questionário. A análise do registo dessas verbalizações, das respostas aos itens segundo a escala numérica, e a sua comparação com o registo feito pelo nativo de Portugal, permitiram identificar ambiguidades do conteúdo dos itens, identificar dificuldades de interpretação dos mesmos, detetar divergências linguísticas e verificar a suficiência das instruções. As divergências quanto à interpretação dos itens foram corrigidas com auxílio daquilo que era sugerido pelos sujeitos, e também pela forma como a resposta diferia quando se faziam alterações à questão. A opinião da maioria prevaleceu naqueles itens em que surgiram dúvidas quanto à necessidade de tradução de um item, bem como à forma como este era traduzido. Contudo, na retroversão, confirmou-se que esses itens em que houve alguma ambivalência quanto à forma como foram traduzidos, mantiveram o mesmo significado.

Procedeu-se então à retroversão do questionário, feita por um português nativo com conhecimentos do português do Brasil (pois estava a residir temporariamente no Rio de Janeiro), mas sem que este tivesse tido acesso à versão original do questionário. As instruções de retroversão foram breves, de modo a prevenir a contaminação da tradução pelo excesso de informação, e consistiram em pedir ao sujeito que traduzisse os itens para português de Portugal, alterando apenas o que fosse necessário para que as propriedades semânticas fossem mantidas. Após análise da retroversão, alguns itens que ainda suscitaram dúvidas na versão brasileira, foram discutidos com um sujeito nativo do Rio de Janeiro, que entre duas opções do mesmo item escolheu uma, ou sugeriu uma terceira.

A reflexão falada transcrita, a proposta da versão brasileira do questionário e a retroversão do mesmo foram enviadas para a autora do FICQ. A versão brasileira foi aprovada e autorizada pela autora.

3.3.3. Questionário sociodemográfico

Foi construído um questionário sociodemográfico com base em questionários utilizados em estudos transculturais (Camargos, 2007). O questionário compreendeu questões que visaram avaliar vários parâmetros, desde os dados pessoais (idade, género, ocupação principal, grau de escolaridade e zona de residência), às relações de intimidade (e.g., estado relacional, orientação sexual, duração da relação atual no caso de o sujeito se

encontrar numa relação). Por fim, incluiu-se uma questão aberta que pretendeu que os sujeitos caracterizassem a forma como as relações de intimidade eram vividas na cultura a que pertencem, e que avançassem explicações para as mesmas. O objetivo desta última questão foi averiguar, através de uma análise de conteúdo, as diferenças percebidas na vivência da intimidade entre portugueses e cariocas.

3.4. Procedimento

Os instrumentos foram integrados numa bateria que foi disponibilizada online, na versão em português de Portugal e do Brasil, para a recolha de dados em Portugal e no Rio de Janeiro, respetivamente. A divulgação do questionário foi feita através do endereço eletrónico e das redes sociais, entre dezembro de 2011 e janeiro de 2012 no Rio de Janeiro, e entre julho e agosto de 2013 em Portugal. A amostra foi, portanto, selecionada segundo um processo de amostragem por conveniência, a partir da qual se recolheu um total de 378 sujeitos (194 portugueses e 184 cariocas). Divulgou-se o questionário por meios académicos, de modo a aceder a uma população maioritariamente escolarizada a um nível secundário ou superior, o que delimitou a amostra em estudo de jovens adultos para jovens adultos escolarizados, na sua maioria.

O tratamento estatístico dos dados foi feito com recurso ao *software* IBM SPSS 21.0 (IBM SPSS). Para o tratamento de dados, eliminaram-se sujeitos que preenchiam os critérios de exclusão ($N = 66$, dos quais 29 portugueses e 37 cariocas). Foram eliminados aqueles que nunca tiveram uma relação amorosa que considerassem significativa, já que o medo da intimidade é um construto que se operacionaliza aquando de uma relação. Eliminaram-se também os sujeitos não heterossexuais, de forma a evitar qualquer potencial viés relacionado com a identidade de género. Eliminaram-se ainda os sujeitos com idades não compreendidas entre os 18 e os 37 anos, porque se considerou esta faixa etária como sendo aquela que corresponde à juventude adulta, população alvo do estudo. Também se excluíram, respetivamente para a amostra portuguesa e carioca, aqueles que não eram naturais de Portugal ou do Rio de Janeiro, ou que não residiam, no momento da recolha, em Portugal ou no Rio de Janeiro. Foram ainda excluídos sujeitos que não responderam às questões de género e/ou idade (considerados como essenciais para as análises pretendidas), cujos questionários foram indevidamente preenchidos, ou que apresentavam um número de dados não respondidos a um nível estatisticamente relevante (cerca de 10% de *missings*).

A normalidade de distribuição foi avaliada através do teste de *Kolmogorov-Smirnov*. Sempre que esta não se verificou, utilizaram-se testes não paramétricos nas análises subsequentes. As diferenças de valores medianos foram avaliadas através dos testes não paramétricos de *Mann-Whitney*, de *Kruskall-Wallis* e de *Wilcoxon*. Adicionalmente, realizou-se, quando considerado adequado, uma análise de correlação entre variáveis de interesse por aplicação dos coeficientes de correlação de *Spearman*. Além disso, quando se procurou avaliar a capacidade preditora de uma variável nas variações de outra, realizaram-se regressões lineares. Todos os testes foram aplicados com um grau de confiança de 95 %, exceto quando devidamente assinalado.

Foi ainda realizada uma análise de conteúdo a uma questão de resposta aberta, incluída no questionário sociodemográfico. Esta visou aceder às representações subjetivas dos sujeitos, relativamente à forma como estes consideram que as relações de intimidade são vivenciadas no seu contexto cultural. Para tal, constituíram-se categorias, analisando a frequência com que estas eram referidas pelos sujeitos.

Capítulo IV

Resultados

Capítulo IV – Resultados

4.1. Estudo quantitativo

Tendo em conta que a amostra foi constituída por dois grupos de nacionalidade, os quais se pretendia comparar, procurou-se controlar algumas variáveis, de modo a perceber a sua eventual influência na explicação das diferenças de medo da intimidade e coping, por nacionalidade.

Apesar da idade não seguir uma distribuição normal (valor p do teste de *Kolmogorov-Smirnov* $\leq ,05$), as diferenças de idade entre portugueses e cariocas ($M = 23,82$ anos, $DP = 3,37$ na amostra portuguesa; $M = 24,01$ anos, $DP = 4,22$ na amostra carioca) foram avaliadas segundo o teste de *Mann-Whitney*, não revelando diferenças significativas ($p > ,05$). Também não se verificaram diferenças significativas quanto ao género por grupo de nacionalidade ($t(310) = 0,20$, $p > ,05$). Além disso, os grupos não diferiram significativamente quanto à ocupação principal⁶ ($\chi^2(1) = 0,771$, $p > ,05$), grau de escolaridade⁷ ($\chi^2(1) = 0,066$, $p > ,05$), e quanto ao estatuto relacional⁸ ($\chi^2(1) = 0,452$, $p > ,05$).

Dada a homogeneidade dos grupos relativamente às variáveis supramencionadas, foi possível testar as hipóteses deste estudo, tendo como comparação o grupo de portugueses com o grupo de cariocas. De modo a facilitar a leitura dos resultados⁹, estes são apresentados de acordo com hipóteses.

(H1) Espera-se que os portugueses utilizem mais estratégias focadas no problema do que os cariocas.

Através do teste de *Mann-Whitney*, verificou-se que existem diferenças estatisticamente significativas na PSS, RP e DAC ($p < ,05$) e não na FE ($p > ,05$), por grupo de nacionalidade (cf. tabela 1).

⁶ Desta análise foram excluídos os grupos de respondentes pertencentes a ocupação “desempregado” ($N = 3$) e “outra” ($N = 1$).

⁷ Desta análise foram excluídos os sujeitos que possuíam o ensino básico ($N = 3$).

⁸ Operacionalizado através de duas dimensões: sujeitos com e sem relação amorosa.

⁹ Neste capítulo utilizámos abreviaturas sempre que nos referimos às dimensões / fatores dos instrumentos, nomeadamente, PSS (procura de suporte social), RP (resolução de problemas), DAC (distanciamento e autocontrolo), FE (fuga-evitamento), MPO (medo de perder o outro) e MPS (medo de perder o *self*).

Tabela 1: Estatísticas descritivas dos fatores do WCQ, de acordo com a nacionalidade

Fatores WCQ	Amostra portuguesa	Amostra carioca
	M (DP)	M (DP)
PSS	1,99 (0,58)	1,73 (0,70)
RP	1,89 (0,54)	1,75 (0,59)
DAC	1,21 (0,61)	1,05 (0,58)
FE	1,75 (0,86)	1,87 (0,86)

(H2) *Espera-se que, em ambas as culturas, as mulheres recorram mais à procura de suporte social do que os homens, e que, na amostra carioca mas não na portuguesa, as mulheres utilizem mais estratégias focadas nas emoções e os homens focadas no problema.*

Através do teste de *Mann-Whitney*, averiguou-se a existência de diferenças de género, de acordo com a nacionalidade. Nas amostras portuguesa e carioca, as diferenças de género revelaram-se significativas na PSS (p 's < ,05). A tabela 2 ilustra estas diferenças.

Tabela 2: Estatísticas descritivas dos fatores do WCQ, de acordo com o género e a nacionalidade

Fatores WCQ	Género	Amostra portuguesa M (DP)	Amostra carioca M (DP)
PSS	Masculino	1,89 (0,61)	1,48 (0,66)
	Feminino	2,07 (0,54)	1,95 (0,66)
RP	Masculino	1,89 (0,55)	1,77 (0,58)
	Feminino	1,90 (0,53)	1,73 (0,61)
DAC	Masculino	1,30 (0,59)	1,06 (0,61)
	Feminino	1,13 (0,61)	1,04 (0,65)
FE	Masculino	1,76 (0,86)	1,62 (0,86)
	Feminino	1,75 (0,86)	1,77 (0,79)

Verificando-se que, em ambas as nacionalidades, o género feminino utilizava mais estratégias de PSS do que o masculino, averiguou-se se existiam diferenças de PSS entre as mulheres portuguesas e cariocas através do teste de *Mann-Whitney*. Os resultados indicam que as mulheres portuguesas (M = 2,07, DP = 0,54) e cariocas (M = 1,95, DP = 0,66) não diferem significativamente na PSS (p > ,05).

(H3) *São esperados valores mais elevados de medo da intimidade no grupo de cariocas do que no grupo de portugueses.*

Através do teste de *Mann-Whitney*, encontraram-se diferenças estatisticamente significativas de MPS, consoante a nacionalidade (p < ,05), sendo que os cariocas (M =

2,77, DP = 0,786) apresentaram valores mais elevados do que os portugueses (M = 2,44, DP = 0,68). Relativamente ao MPO, as diferenças entre portugueses (M = 2,53, DP = 0,76) e cariocas (M = 2,71, DP = 0,82) não são significativas.

(H4) É esperado que, entre os cariocas, os homens apresentem valores mais elevados de medo da intimidade do que as mulheres, e que, entre os portugueses, não se verifiquem diferenças de género.

Controlando-se o efeito da nacionalidade, verificou-se que as diferenças de género no MPO e no MPS eram apenas significativas na amostra portuguesa (p 's < ,05), sendo não significativas na amostra carioca (p 's > ,05). A tabela 3 ilustra os valores médios de cada uma das dimensões para cada um dos grupos.

Tabela 3: Estatísticas descritivas dos fatores do FICQ, de acordo com o género e a nacionalidade.

Fatores FICQ	Género	Amostra portuguesa M (DP)	Amostra carioca M (DP)
MPO	Masculino	2,77 (0,72)	2,78 (0,83)
	Feminino	2,32 (0,73)	2,64 (0,80)
MPS	Masculino	2,58 (0,73)	2,78 (0,81)
	Feminino	2,31 (0,59)	2,76 (0,77)

A comparação destes quatro grupos (de género por nacionalidade¹⁰), revelou ainda que as mulheres portuguesas apresentam significativamente menos medo da intimidade (MPO e MPS) do que as mulheres cariocas (p < ,05). Por último, os homens portugueses e cariocas não diferem significativamente quer no MPO quer no MPS, bem como não diferiram, para os mesmos parâmetros, as mulheres cariocas dos homens portugueses (p 's > ,05).

(H5) É esperada uma relação positiva entre o medo da intimidade e estratégias de coping de distanciamento e autocontrolo e de fuga-evitamento, e negativa entre este e a procura de suporte social.

De modo a compreender as relações entre o medo da intimidade e o coping, realizaram-se análises de regressões múltiplas por grupo de nacionalidade, inserindo, como preditores, o MPO e o MPS e, como variáveis dependentes, a PSS, a RP, o DAC e a FE, alternadamente. Na amostra portuguesa, o MPO revelou-se um preditor significativo da

¹⁰ Operacionalizando as variáveis “género” e “nacionalidade”, definiram-se os seguintes grupos: “homens portugueses”, “mulheres portuguesas”, “homens cariocas” e “mulheres cariocas”.

utilização de estratégias de DAC ($\beta = ,307, p < ,05$), mas o mesmo não se verificou para o MPS ($\beta = ,158, p > ,05$) ($F(2, 174) = 17,228, R^2 \text{ ajustado} = ,157$). Na amostra carioca, verificou-se que o MPS predizia significativamente a utilização de estratégias de DAC ($\beta = ,277, p < ,05$), mas o mesmo não se verificou para o MPO ($\beta = ,003, p > ,05$) ($F(2, 130) = 5,366$), além de o modelo revelar pouca adequação ($R^2 \text{ ajustado} = ,063$).

De seguida, repetimos as regressões múltiplas, controlando o efeito do género. Na amostra portuguesa, o MPO revelou-se um preditor significativo das estratégias de DAC no género masculino ($\beta = ,339, p < ,05$) e feminino ($\beta = ,237, p < ,05$), mas o mesmo não se verificou para o MPS ($\beta = ,115, p > ,05$ para o género masculino; $\beta = ,204, p > ,05$ para o género feminino) ($F(2, 83) = 7,911, R^2 \text{ ajustado} = ,143$ para o género masculino; $F(2, 90) = 7,546, R^2 \text{ ajustado} = ,127$ para o género feminino). Na amostra carioca, ainda que o modelo revele pouca adequação no género masculino, as estratégias de DAC são preditas pelo MPS nos homens ($\beta = ,279, p < ,05$) e nas mulheres ($\beta = ,272, p < ,05$), mas não pelo MPO, tanto nos homens, como nas mulheres ($\beta = -,130, p > ,05$ para o género masculino; $\beta = ,136, p > ,05$ para o género feminino) ($F(2, 62) = 1,989, R^2 \text{ ajustado} = ,031$ para o género masculino; $F(2, 67) = 4,807, R^2 \text{ ajustado} = ,102$ para o género feminino).

Relativamente às estratégias de PSS, RP e FE, o MPO e o MPS não se revelaram preditores significativos da utilização das mesmas ($p's > ,05$), além de que a inadequação do modelo tornou os resultados pouco interpretáveis, tanto na amostra portuguesa ($R^2 \text{ ajustado} = ,008$ para a PSS, $R^2 \text{ ajustado} = ,030$ para a RP, $R^2 \text{ ajustado} = ,037$ para a FE) como na carioca ($R^2 \text{ ajustado} = ,005$ para a PSS, $R^2 \text{ ajustado} = ,027$ para a RP, $R^2 \text{ ajustado} = ,020$ para a FE).

4.2. Estudo qualitativo

Procurando averiguar as implicações do medo da intimidade no coping, preocupámo-nos em compreender a forma como os indivíduos consideravam que as relações de intimidade eram vivenciadas no seu contexto cultural, pelo que inserimos uma questão aberta que nos ajudasse a compreender as suas especificidades nas diferentes culturas, portuguesa e carioca. Apesar de a análise qualitativa incidir sobre uma questão relativa às relações de intimidade, algumas características genéricas também emergiram (não relacionadas especificamente com as relações de intimidade), o que exigiu a formulação de categorias genéricas, relativas a aspetos culturais, e das relações de intimidade.

De seguida, apresentam-se os resultados da análise de conteúdo que se consideram mais relevantes, isto é, aqueles cujas categorias foram referidas por, pelo menos, 10 sujeitos.

No que toca às categorias genéricas, apesar de ambos se considerarem afáveis e espontâneos/desinibidos, os cariocas referem estas características de forma mais representativa (N = 46, N = 25, respetivamente) que os portugueses (N = 15, N = 13, respetivamente). No entanto, algumas características são mencionadas apenas por uma ou por outra nacionalidade, nomeadamente, a autenticidade (N = 21), a tensão psicológica (N = 15) e a persistência (N = 14), que são relatadas exclusivamente pelos portugueses. Por outro lado, apenas os cariocas se consideram alegres (N = 28), com autoafirmação/autoestima (N = 26), tranquilos (N = 16), imediatistas (N = 15) e fúteis (N = 10).

Além disso, os portugueses referiram ser conservadores, sobretudo no que toca à manutenção dos papéis tradicionais de género ou à repressão sexual (N = 17). Já os cariocas apontam para características de liberdade ideológica, nomeadamente para a liberdade sexual (N = 25). Também são os cariocas que particularmente sublinham a existência de um orgulho patriota (N = 28).

Relativamente às categorias sobre a vivência das relações de intimidade, ambas as nacionalidades referem ser afetivas, sendo que mais portugueses consideram esta característica (N = 31) do que cariocas (N = 14). Contudo, no geral, portugueses e cariocas nomeiam características das relações de intimidade muito divergentes entre si. Os portugueses consideram-se companheiros na relação amorosa (N = 23), e referem aspetos que apontam para o assumir do compromisso aquando numa relação e para a valorização da estrutura familiar (N = 19). Por último, salientam ainda o seu carácter possessivo (N = 16) e dependente (N = 12). De referir também que 25 portugueses defendem que não possuem características específicas ou diferenciadoras na vivência da intimidade, considerando que estas dependem das idiossincrasias de cada indivíduo ou da relação.

Por sua vez, os cariocas referem ser libertinos (N = 27), descomprometidos, no sentido de evitarem relações de compromisso (N = 27), pouco envolvidos emocionalmente nas relações (N = 26), e infiéis (N = 13). Destaca-se ainda a facilidade e celeridade no envolvimento íntimo (N = 15), a preferência por/ou tendência a estabelecer relações de curta duração (N = 11), e também o elevado número de parceiros com que o carioca se envolve ao longo da vida (N = 10).

Capítulo V

Discussão de resultados

Capítulo V – Discussão de resultados

Esta investigação procurou avaliar as diferenças culturais nas estratégias de coping e quais as implicações do medo da intimidade nesta relação. Os resultados confirmam as hipóteses de que o contexto cultural influencia as estratégias de coping e de que o medo da intimidade prediz a utilização de estratégias de distanciamento e autocontrolo. Debruçamo-nos sobre a comparação dos contextos culturais de Portugal e do Rio de Janeiro, já que a literatura distingue as diferenças culturais do coping entre Portugal e o Brasil, não distinguindo as especificidades culturais dos diferentes estados do Brasil.

Relativamente às diferenças culturais do coping, os resultados indicam que os portugueses recorrem mais a estratégias de procura de suporte social, de resolução de problemas e de distanciamento e autocontrolo do que os cariocas. Estes resultados constituem alguma evidência de que a cultura influencia a forma como os indivíduos lidam com situações de *stress*.

A procura de suporte social tem sido, de forma reiterada, constituída como uma estratégia de coping característica de culturas coletivistas (Gurung, 2010; Kuo, 2012), e ambas as culturas estudadas possuem uma orientação coletivista (House et al., 2004), pelo que constituímos a hipótese de que ambas evidenciariam este tipo de estratégia. No entanto, os itens que avaliaram esta dimensão neste estudo remetem apenas para a procura de suporte social em familiares ou outros significativos, e não na comunidade, instituições ou organizações sociais, e, por isso, não refletem na totalidade a procura de suporte social que os autores verificaram existir em culturas coletivistas (ibd.), o que pode justificar o facto de esta hipótese não se ter confirmado.

Deste modo, e segundo os resultados encontrados, em situações de *stress*, os portugueses parecem tender a recorrer mais ao núcleo social próximo do que os cariocas. Através da análise de conteúdo, verificamos que os portugueses sublinharam a importância da estrutura familiar (e.g., “dá valor à estrutura familiar”, “mais ligados à família”). Alguns até, mencionando o elevado grau de compromisso e fidelidade nas suas relações, justificaram-nos com a importância da manutenção e perpetuação da estrutura familiar (e.g., “seguem o rumo de namoro-casamento”, “dão importância a que o/a namorado/a conheça a família”), o que pode explicar a sua elevada procura de suporte social na família e noutros elementos significativos, comparativamente aos cariocas. Apesar de Bozon e

Heilborn (2001) considerarem que os cariocas também valorizam a estrutura familiar, nenhum carioca, ao contrário dos portugueses, referiu este aspeto.

No que respeita às estratégias de coping de resolução de problemas, a hipótese de que os portugueses as utilizariam mais do que os cariocas foi confirmada, o que vai de encontro à literatura, que defende que os portugueses, possuindo uma maior orientação a longo prazo (com perspetivas e objetivos futuros) (Silva, Gomes, & Correia, 2009), tenderão a utilizar mais estratégias de coping ativas como a resolução de problemas (Wong & Wong, 2006). As referências dos portugueses à tensão psicológica podem ajudar a explicar estas diferenças. De facto, ao contrário dos cariocas que se consideraram mais tranquilos (e.g., “relaxados”, “descontraídos”, “menos preocupados”), os portugueses referiram ser “tensos”, “muito preocupados”, entre outros aspetos que podem contribuir para que estes tenham tendência a fazer uso de estratégias mais racionais e focadas na resolução do problema. A tensão portuguesa e a tranquilidade carioca poderão ser reflexo da referida orientação para o futuro dos portugueses (Silva, Gomes, & Correia, 2009). De facto, segundo a análise de conteúdo, os portugueses consideraram-se persistentes e os cariocas imediatistas.

Relativamente às estratégias de distanciamento e autocontrolo (focadas na emoção), nem as diferenças de idade nem de género, bem como os resultados da análise de conteúdo, parecem explicar o facto de os portugueses as utilizarem mais do que os cariocas, corroborando parcialmente a hipótese de que os portugueses tenderiam a utilizar mais estratégias focadas no problema do que os cariocas. Seria, portanto, interessante que em futuras investigações se avaliassem outras variáveis, para além das incluídas neste estudo, que possam explicar as diferenças culturais quanto a esta estratégia de coping, como os valores morais transmitidos na educação. Por exemplo, perguntamo-nos se na cultura portuguesa estará incutido o ideal de distanciamento e autocontrolo como forma adaptativa de gestão do *stress*, como sugerem Almeida e Sobral (2005).

Depois de verificarmos diferenças culturais na forma como os indivíduos lidam com situações de *stress*, preocupamo-nos em perceber se o medo da intimidade tinha implicações nas estratégias de coping. Na nossa ótica, o medo da intimidade, enquanto construto assente nos modelos de si e do outro, poderia ajudar a compreender melhor as diferenças entre estas duas culturas na forma como se relacionam com o mundo, nomeadamente, na forma como lidam com o *stress*. Avaliando a diferença entre estas, verificámos que os cariocas têm mais medo de perder o *self* do que os portugueses, o que vai de encontro à hipótese formulada. Se considerarmos a análise de conteúdo, os cariocas

referem ser libertinos, evitarem relações de compromisso, envolverem-se pouco emocionalmente, serem infiéis, estabelecerem relações de curta duração e envolverem-se com muitos parceiros ao longo da vida, o que parece apontar para uma tendência ao estabelecimento de relações cujo laço de proximidade é mais distante. Estes resultados são concordantes com Heilborn (1999), que considera que, no Rio de Janeiro, existe uma crescente tendência para o estabelecimento de relações que envolvem contacto físico, mas não implicam uma relação de compromisso entre os visados.

Se recorrermos às tipologias do amor de Lee (1973), os resultados da análise de conteúdo parecem sugerir que os cariocas estabelecem relações no sentido de obter o máximo de lucro e o mínimo de custo, coibindo-se do compromisso (amor *Ludus*), o que pode explicar o facto de os brasileiros revelarem mais medo de perder o *self*. Os portugueses, por sua vez, parecem tender a relações de companheirismo (amor *Storgê*), uma vez que destacaram o elevado compromisso e companheirismo (que inclui dimensões de partilha e diálogo na relação) nas relações amorosas, concordando com Oleiro (2011), que refere que os portugueses valorizam a partilha e a autorrevelação nas relações de intimidade. Por outro lado, a par das relações de companheirismo, os portugueses também parecem manter relações de possessividade (amor *Mania*), já que se consideram possessivos e dependentes dos seus parceiros. Ainda que Oleiro (2011) refira que os portugueses valorizam o equilíbrio entre a autonomia e a independência, a realidade das suas relações de intimidade parece, nalguns casos, não transparecer o ideal de diferenciação do *self* com que, segundo a autora, os portugueses se identificam.

Além destes aspetos, os cariocas referiram consistentemente a liberdade sexual e a facilidade e celeridade no envolvimento íntimo como aspetos característicos do seu grupo cultural, contrastando com os portugueses que não consideraram estes aspetos. Estes resultados vão de encontro aos trabalhos de Heilborn (1999) e de Bozon e Heilborn (2001) que destacam a desinibição sexual como característica dos cariocas. Considerando estes aspetos, questionamo-nos se os cariocas são sexualmente mais liberais e evitam o compromisso relacional, como forma de lidarem com o seu medo da intimidade.

Se recordarmos os modelos internos dinâmicos (Bowlby, 1979, cit. in Costa, 2005), e com base na análise de conteúdo, os cariocas parecem revelar concepções de um modelo positivo de si, sobrevalorizando a independência. Por outro lado, os portugueses parecem revelar ora modelos positivos de si e do outro, estabelecendo relações de compromisso e entrega, ora um modelo negativo de si, tendendo a relações fusionais (de dependência e possessividade, segundo as referências dos próprios sujeitos portugueses).

Ainda explorando as relações entre medo da intimidade e coping em função da cultura, verificámos que a estratégia de distanciamento e autocontrolo, nos portugueses, é predita pelo medo de perder o outro, enquanto que, nos cariocas, é predita pelo medo de perder o *self*. Estes resultados parecem sugerir que os cariocas distanciam-se e controlam-se emocionalmente exactamente porque poderão sobrevalorizar a sua independência, pelo receio de perder o *self*. Por outro lado, os portugueses parecem utilizar o distanciamento e autocontrolo pelo receio da vulnerabilidade que a exposição implica, como reflexo do medo de perder o outro.

Ainda no que toca à relação entre o medo da intimidade e o coping, os resultados indicam que o medo da intimidade não prediz a utilização de estratégias de fuga-evitamento, contrariamente ao esperado. Se analisarmos os itens desta dimensão do coping, estes remetem para estratégias que denotam alguma passividade (e.g., “Desejei que a situação desaparecesse ou que de alguma forma terminasse”) e não para estratégias de evitamento do parceiro amoroso, o que pode explicar os resultados encontrados. Além disso, os resultados também sugerem que o medo da intimidade não prediz a menor procura de suporte social, o que, novamente, se pode dever aos itens que avaliaram esta dimensão, que remetem para a procura de suporte social em figuras significativas indiferenciadas, e não necessariamente no par amoroso.

Visando compreender melhor as diferenças encontradas, explorámos a relação destas com uma variável demográfica considerada relevante, o género. Relativamente às diferenças de género no coping, os resultados indicam que tanto as mulheres portuguesas como as cariocas recorrem mais à procura de suporte social do que o género masculino da respetiva nacionalidade. Além disso, sustentam a hipótese de que as mulheres, independentemente da nacionalidade, utilizam mais estratégias de procura de suporte social do que os homens, o que vai de encontro aos estudos de diversos autores (e.g., Goleman, 1986, cit. in Hook et al., 2003; Zimmer-Gembeck & Skinner, 2008). Estes resultados parecem evidenciar algumas diferenças nos papéis de género, pelo menos no que toca à utilização de estratégias orientadas para a comunicação por parte do género feminino.

Contudo, os resultados não confirmaram a hipótese de que, na amostra carioca, existiriam diferenças de género nas estratégias de coping. Aliás, evidenciaram a inexistência de diferenças de género entre a utilização de estratégias focadas na emoção ou no problema, quer entre os portugueses, quer entre os cariocas. Estes resultados sugerem um maior estudo dos papéis de género em Portugal e no Rio de Janeiro, de modo a que

possamos compreendê-los à luz dos quadros culturais das diferentes nacionalidades. Novamente, salientamos a necessidade de explorar outras variáveis como, precisamente, as configurações dos papéis de género nas diferentes culturas. Por exemplo, será que tanto em Portugal como no Rio de Janeiro as mulheres são socializadas no sentido de, em situações de *stress*, utilizarem mais estratégias emocionais e os homens mais instrumentais / racionais? E, mesmo que assim seja, será que a ascensão feminina a uma escolarização superior tem contribuído para que as mulheres que caracterizam a sociedade moderna tendam a ser tão racionais como os homens em situações de *stress*, ainda que possam ser mais emocionais noutras circunstâncias? São questões que sugerem um maior aprofundamento em futuras investigações.

No que concerne às diferenças de género no medo da intimidade, os resultados apontam exatamente no sentido oposto da hipótese formulada, verificando-se que, na amostra portuguesa, os homens tinham mais medo da intimidade do que as mulheres, mas o mesmo não se verificou na amostra carioca, na qual homens e mulheres não diferiram nos valores de medo da intimidade. Segundo muitos autores (e.g., Cacioppo, Petty, & Kao, 1984, cit. in Doi & Thelen, 1993; Doi & Thelen, 1993), quanto maior for a identificação com os papéis tradicionais de género, maiores serão os valores de medo da intimidade nos homens e menores nas mulheres. Deste modo, podemos depreender que em Portugal exista uma maior identificação com os papéis tradicionais de género do que no Rio de Janeiro, o que pode estar na origem das diferenças de género encontradas na amostra portuguesa, e da ausência das mesmas no Rio de Janeiro. Os resultados da análise de conteúdo apontam na mesma direção. Em Portugal, os respondentes referiram características que evidenciam a manutenção dos papéis tradicionais de género (e.g., “manutenção de tradicionalismo dos papéis de género na relação”, “os homens continuam a ser uns machões e as mulheres oferecidas quando têm muitos parceiros”), ao passo que os cariocas não referiram este aspeto e destacaram ainda a sua liberdade ideológica (e.g., “menos preconceituosos”).

Se estes resultados defendem que os portugueses mantêm papéis de género mais rígidos e tradicionais do que os cariocas, outras investigações sustentaram que os portugueses revelam uma maior igualdade de género do que os brasileiros (e.g., Hofstede, 2006; House et al., 2004). Dada a ambivalência entre o presente estudo e as direções apontadas pela literatura relativamente ao grau de identificação com os papéis tradicionais de género, torna-se pertinente explorar os motivos na origem desta discordância. Um dos aspetos a ponderar é o facto desta investigação incidir sobre os cariocas, e as restantes sobre o Brasil, contemplando diversos estados. Ora, sendo o Brasil um país pautado pela

diversidade cultural e étnica (Wadholm, 2008), os estudos em torno da população brasileira abarcam toda a sua diversidade, não distinguindo as orientações culturais entre as metrópoles, como São Paulo, Santa Catarina e o Rio de Janeiro, e os restantes estados. Estas metrópoles, possuindo um índice de desenvolvimento humano (IDH) elevado¹¹ comparativamente a outros municípios, podem evidenciar características específicas. Por estas razões, e sobretudo porque a análise de conteúdo não nos remete para diferenças de género no Rio de Janeiro, podemos, hipoteticamente, considerar que o Rio de Janeiro, dado o seu crescente desenvolvimento, pode não evidenciar o tradicionalismo dos papéis de género que se verifica no Brasil em geral e, por isso, que a tendência seja de uma crescente igualdade dos papéis de género no Rio de Janeiro, embora, em ambas as culturas, algumas configurações do papel de género feminino se mantenham, nomeadamente, como supramencionado, no que toca à tendência ou facilidade das mulheres em procurarem o suporte social.

¹¹ Estes dados foram consultados no Relatório de Desenvolvimento Humano de 2013 (*A Ascensão do Sul: Progresso Humano num Mundo Diversificado*), publicado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

Conclusão

Conclusão

Se, por um lado, a importância da cultura na forma como os indivíduos lidam com situações de *stress* tem sido sustentada (Gurung, 2010), por outro, a maioria dos autores debruça-se sobre as diferenças de coping em culturas norte americanas, verificando-se uma escassez de estudos em torno das culturas latinas (Kuo, 2012). Partindo destas limitações encontradas na literatura, este estudo debruçou-se sobre as culturas de Portugal e do Rio de Janeiro, em torno das quais carece investigação em termos das diferenças culturais de coping. Esta investigação contribuiu para sustentar a hipótese de que os portugueses e os cariocas diferem na forma como lidam com situações de *stress*. Estes resultados apontam para a necessidade de explorar mais aprofundadamente as implicações da cultura nas estratégias de coping.

Até à data, várias investigações têm enfatizado o papel do coletivismo / individualismo de uma sociedade como explicativo das diferenças de coping (e.g., Hofstede, 2006; House et al., 2004), mas, quando verificamos que estas diferenças prevalecem entre duas culturas coletivistas, como o caso de Portugal e do Rio de Janeiro, cabe-nos questionar as limitações – ainda que se considerem os seus benefícios – desta classificação de culturas. Mais ainda, estes resultados relembram que as sociedades devem ser compreendidas através dos seus quadros culturais particulares, pois apenas deste modo é possível aceder às especificidades de cada uma e, posteriormente, concluir acerca das diferenças ou semelhanças destas com outras sociedades.

Além disso, como as dificuldades na intimidade parecem ter implicações no bem-estar psicossocial do indivíduo (Prager, 1995), e porque estas têm sido associadas a determinados processos de coping (Pilkington & Richardson, 1988), procuramos compreender se o medo da intimidade tinha implicações na forma como os indivíduos lidam com situações de *stress* em Portugal e no Rio de Janeiro.

Para respondermos a esta questão, aprofundamos o estudo do medo da intimidade nas diferentes culturas, já que, existindo alguma evidência e consenso quanto à implicação das relações de vinculação precoces e adultas no desenvolvimento de modelos internos que favorecem o evitamento da intimidade (Firestone & Catlett, 2000; Sobral & Costa, 2008), acerca da influência sociocultural no medo da intimidade, pouco se sabe. Por isso, esta investigação tentou contribuir para providenciar diferentes explicações que podem estar na origem do desenvolvimento de uma estrutura compatível com o medo da intimidade,

estrutura esta que parece também ser moldada pelo contexto cultural, e não apenas pelos contextos sociofamiliares próximos, como as relações de vinculação.

Os resultados defendem estas implicações da cultura no medo da intimidade, indicando que as configurações que as relações de intimidade assumem num determinado contexto cultural podem ajudar a compreender a prevalência do medo da intimidade e o seu poder preditivo na forma como os membros de determinada cultura lidam com situações de *stress*.

Visando analisar as estratégias de coping em diferentes culturas, utilizámos o WCQ (Folkman et al., 1987) por ser consensualmente dos instrumentos mais utilizados (Gurung, 2010; Pais-Ribeiro & Santos, 2001) e por ir de encontro ao ponto de partida teórico. No entanto, além da inconsistência da estrutura fatorial, este instrumento não se revelou o mais adequado para avaliar o coping em articulação com o medo da intimidade, já que muitas das suas dimensões genéricas não vão de encontro às dimensões das relações de intimidade (por exemplo, a procura de suporte social não remete necessariamente para a procura de suporte no parceiro amoroso). Carecendo de instrumentos que avaliem o coping nas relações de intimidade, a utilização do WCQ, ainda que considerando as suas limitações, permitiu concluir acerca da relação entre o coping e o medo da intimidade, mas sugere um maior aprofundamento desta relação, através do desenvolvimento de um instrumento mais adequado para este propósito e que apresente maiores medidas de fiabilidade.

Muito embora tenhamos verificado que o medo da intimidade prediz as estratégias de coping de distanciamento e autocontrolo, seria importante aprofundar as explicações para esta relação. Se a análise de conteúdo forneceu informações importantes acerca das diferenças culturais das relações de intimidade, ajudando a sustentar o facto de o distanciamento e autocontrolo ser predito pelo medo de perder o outro em Portugal e pelo medo de perder o *self* no Rio de Janeiro, seria importante que mais estudos fossem conduzidos em torno da vivência das relações de intimidade em Portugal e no Rio de Janeiro, de modo a providenciarem um maior aprofundamento destas explicações.

Além disso, não descurámos a importância do género nestas relações. Os resultados parecem ir de encontro à literatura no que toca à transversalidade cultural da procura de suporte social por parte do género feminino (e.g., Zimmer-Gembeck & Skinner, 2008). Remetem, ainda, para a necessidade de compreender as configurações dos papéis de género em Portugal e no Rio de Janeiro e, sobretudo, para a importância de mensurar a igualdade de género nas diferentes culturas, já que os resultados apontam para uma maior igualdade de género no Rio de Janeiro, comparativamente a Portugal.

No geral, concluimos acerca da importância de compreender o indivíduo no seu contexto, considerando as questões de herança e de interiorização de padrões culturais. Estas conclusões relembram aos profissionais da psicologia clínica a necessidade de adquirir este olhar abrangente na sua prática, de modo a contemplar não apenas o sujeito e as suas idiossincrasias, mas atendendo também ao contexto cultural e às suas implicações na forma como os indivíduos lidam com situações de *stress*.

Referências bibliográficas

- Addison, C. C., Campbell-Jenkins, B. W., Sarpong, D. F., Kibler, J., Singh, M., Dubbert, P., Wilson, G. et al. (2007). Psychometric evaluation of a coping strategies inventory short-form (CSI-SF) in the jackson heart study cohort. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 4(4): 289-295.
- Almeida, F., & Sobral, F. (2005). Emoções, inteligência e negociação: Um estudo empírico sobre a percepção dos gerentes portugueses. *Revista de Administração Contemporânea*, 9(4): 9-30.
- Alperin, R. M. (2001). Barriers to intimacy. An object relations perspective. *Psychoanalytic Psychology*, 18(1): 137-156.
- Altman, I., & Taylor, D. A. (1973). *Social penetration: The development of interpersonal relationships*. New York: Holt.
- Barker, G., & Loewenstein, I. (1997). Where the boys are: Attitudes related to masculinity, fatherhood, and violence toward women among low-income adolescent and young adult males in Rio de Janeiro, Brazil. *Youth and Society*, 29(2): 166-196.
- Becker, M., Vignoles, V. L., Owe, R. B., Smith, P.B., Easterbrook, M., Bourguignon, D., Lemos, F. C., et al. (2012). Culture and distinctiveness motive: Constructing identity in individualistic and collectivistic contexts. *Journal of Personality and Social Psychology*, 102(4): 833-855. doi: 10.1037/a0026853.
- Berman, B., & Margolin, G. (1992). Analysis of the association between marital relationships and health problems: An international perspective. *Psychological Bulletin*, 112: 39-63.
- Billings, D. W., Folkman, S., Acree, M., & Moskowitz, J. T. (2000). Coping and physical health during caregiving: The roles of positive and negative affect. *Journal of Personality & Social Psychology*, 79(1): 131-142.
- Bozon, M., & Heilborn, M. L. (2006). Iniciação à sexualidade: Modos de socialização, interações de gênero e trajetórias individuais. In Heilborn, M. L., Aquino, E. M. L., Bozon, M. L., Knauth D. R. (Ed.), *O aprendizado da sexualidade: Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros* (pp.155-206). Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz.
- Bozon, M., & Heilborn, M. L. (2001). As carícias e as palavras. Iniciação sexual no Rio de Janeiro e em Paris. *Novos Estudos CEBRAP*, 59: 111-135.
- Brown, N. M., & Amatea, E. S. (2000). *Love and intimate relationships: A journey of the heart*. Philadelphia: Brunner Mazel.
- Brunell, A. B., Pilkington, C. J., & Webster, G. D. (2007). Perceptions of risk in intimacy in dating couples: Conversation and relationship quality. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 26(1): 92-119.
- Buhrmester, D. (1990). Intimacy of friendship, interpersonal competence, and adjustment during preadolescence and adolescence. *Child Development*, 61: 1101-1111. doi: 10.1111/j.1467-8624.1990.tb02844.x
- Camargos, F.F.O. (2007). *Adaptação transcultural e avaliação das propriedades psicométricas da falls efficacy scale – international: um instrumento para avaliar o medo de cair em idosos*. Dissertação de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.
- Carver, C. S. (1997). You want to measure coping but your protocol's too long: Consider the Brief COPE. *International Journal of Behavioral Medicine*, 4: 92-100.
- Chelune, G. J., Waring, E., Yosk, B., Sultan, F., & Ogden, J. (1994). Self-disclosure and its relationship to marital intimacy. *Journal of Clinical Psychology*, 40: 216-219.
- Clark, M. S., & Reis, H. T. (1988). Interpersonal processes in close relationships. *Annual Review of Psychology*, 39(1): 609-672.
- Costa, M. E. (2005). *À procura da intimidade*. Porto: Edições Asa.
- Dell'Aglio, D. D. (2000). *O processo de coping, institucionalização e eventos de vida em crianças e adolescentes*. Tese de Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento. Instituto de Psicologia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul. 119 pp.

- Descutner, C. J., & Thelen, M. H. (1991). Development and validation of a fear-of-intimacy scale. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 3(2): 218-225.
- Dias, C., Cruz, J. F., & Fonseca, A. M. (2010). Coping strategies, multidimensional competitive anxiety and cognitive threat appraisal: Differences across sex, age and type of sport. *Serbian Journal of Sports Sciences*, 4(1): 23-31.
- Dinis, A., Gouveia, J. P., & Duarte, C. (2011). Contributos para a validação da versão portuguesa do questionário de estilos de coping. *Psychologica*, 54: 35-62.
- Doi, S. C., & Thelen, M. H. (1993). The fear-of-intimacy scale: Replication and extension. *Psychological Assessment*, 5(3): 377-383.
- Erikson, E. H. (1959). *Identity and the life cycle*. New York: International Universities Press, Inc.
- Firestone, R. W., & Catlett, J. (2000). *Fear of Intimacy*. Washington DC: American Psychological Association.
- Folkman, S., Lazarus, R. S., Pimley, S., & Novacek, J. (1987). Age differences in stress and coping processes. *Psychology and Aging*, 2(2): 171-184.
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1988). *Manual for the Ways of Coping Questionnaire*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Fruzzetti, A. E., & Jacobson, N. S. (1990). Toward a behavioral conceptualization of adult intimacy: Implications for marital therapy. In E. A. Blechman (Ed.), *Emotions and the family* (pp. 117-136). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Goldman, L. (1971). *Using tests in counselling*. Santa Mónica, CA: Goodyear Pubs.
- Greenglass, E., Schwarzer, R., Jakubiec, S. D., Fiksenbaum, L., & Taubert, S. *The proactive coping inventory (PCI): A multidimensional research instrument*. Paper presented at the 20th International Conference of the STAR (Stress and Anxiety Research Society), Cracow, Poland, 1999.
- Gupta, V., Hanges, P. J., & Dorfman, P. (2002). Cultural clusters: Methodology and findings. *Journal of World Business*, 37: 11-15.
- Gurung, R. A. R. (2010). *Health Psychology: A Cultural Approach*. Belmont CA: Wadsworth, Cengage Learning.
- Hatfield, E. (1984). The dangers of intimacy. In V. Derlaga (Ed.), *Communication, intimacy and close relationships* (pp. 207-220). New York, NY: Praeger.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualised as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52: 511-524.
- Heilborn, M. L. (1999). Corpos na cidade: sedução e sexualidade. In Velho, G. (Ed.), *Antropologia urbana: Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal* (pp. 98-108). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed.
- Hofstede, G. (2006). What did GLOBE really measure? Researchers' minds versus respondents' minds. *Journal of International Business Studies*, 37: 882-896.
- Hook, M. K., Gerstein, L. H., Detterich, L., & Gridley, B. (2003). How close are we? Measuring intimacy and examining gender differences. *Journal of Counseling & Development*, 81(4): 462-472.
- House, R. J., Hanges, P. J., Javidan, M., Dorfman, P. W., & Gupta, V. (2004). *Culture, Leadership and Organizations: The GLOBE Study of 62 Societies*. Sage: Thousand Oaks, CA.
- Kline, R. B. (2004). *Principles and practice of structural equation modeling* (2nd ed.). New York: Guilford Press.
- Kuo, B. C. H. (2012). Collectivism and coping: Current theories, evidence, and measurements of collective coping. *International Journal of Psychology*, doi:10.1080/00207594.2011.640681
- L'Abate, L., & L'Abate, B. (1979). The paradoxes of intimacy. *Family Therapy*, 3, 175-184.
- LaChapelle, D. L., & Hadjistavropoulos, T. (2005). Age-related differences among adults coping with pain: Evaluation of a developmental life-context model. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 37(2): 123-137.

- Land, L. N., Rochlen, A. B., & Vaughn, B. K. (2011). Correlates of adult attachment avoidance: Men's avoidance of intimacy in romantic relationships. *Psychology of Men & Masculinity*, 12(1): 64-76.
- Laurenceau, J. P., Rivera, L. M., Schaffer, A.R., & Pietromonaco, P. R. (2004). Intimacy as an interpersonal process: Current status and future directions. In D. J. Marshek, & A. Aron (Ed.), *Handbook of Closeness and Intimacy* (pp. 61-78). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Lazarus, R. S. (1966). *Psychological Stress and the Coping Process*. New York, McGraw-Hill.
- Lee, J. A. (1973). *Colours of love: An exploration of the ways of loving*. Toronto: New Press.
- Lichtenberg, P. (1991). Intimacy as a function of autonomy and merging. *Gestalt Journal*, 14(1): 27-43.
- Lloyd, M. E. (2011). *Fear of intimacy in romantic relationships during emerging adulthood: The influence of past parenting and separation-individuation*. Doctoral Dissertation. Faculty of Arts, Education and Human Development of Victoria University, Melbourne, Australia.
- Marshall, T. (2008). Cultural differences in intimacy: The influence of gender-role ideology and individualism-collectivism. *Journal of Social and Personal Relationships*, 25(1): 143-167. doi: 10.1177/0265407507086810.
- McAdams, D. P., Lester, R. M., Brand, P. A., McNamara, W. J., & Lensky, D. B. (1988). Sex and the TAT: Are women more intimate than men? Do men fear intimacy? *Journal of Personality Assessment*, 52(3): 397-409.
- McDonald, A. (2000). *Young adults' attitudes toward marriage and fear of intimacy in relation to gender, religiosity, and conflict in the family of origin*. Doctoral dissertation, Faculty of the Graduate School of Texas, USA.
- McNelles, L. R., & Connolly, J. A. (1999). Intimacy between adolescent friends: Age and gender differences in intimate affect and intimate behaviors. *Journal of Research on Adolescence*, 9(2): 143-159.
- Mikulincer, M. (1998). Attachment working models and the sense of trust: An exploration of interaction goals and affect regulation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(5): 1209-1224.
- Noriega, J. A. V., Albuquerque, F. J. B., Alvarez, J. F. L., & Pimentel, C. E. (2003). Coping em uma população do nordeste brasileiro. *Avaliação Psicológica*, 2(1): 17-27.
- Oleiro, J. (2011). *A intimidade nos jovens adultos em contexto de relação amorosa: A influência do sexo e da idade*. Tese de Mestrado. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Pais-Ribeiro, J., & Santos, C. (2001). Estudo conservador de adaptação do ways of coping questionnaire a uma amostra e contexto portugueses. *Análise Psicológica*, 4(19): 491-502.
- Pasini, W. (1990). *Intimidade: O Outro Espaço da Afectividade*. Lisboa: Difusão Cultural.
- Patrick, S., & Backenbach, J. (2009). Male perceptions of intimacy: A qualitative study. *The Journal of Men's Studies*, 17(1): 47-56.
- Pilkington, C. J., & Richardson, D. R. (1988). Perceptions of risk in intimacy. *Journal of Social and Personal Relationships*, 5(4): 503-508.
- Pilkington, C. J., & Woods, S. P. (1999). Risk in intimacy as a cronically accessible schema. *Journal of Social and Personal Relationships*, 16(2): 249 – 263.
- Prager, K. J. (1995). *The Psychology of Intimacy*. New York: Guilford.
- Reedy, M. N., Birren, J. E., & Schaie, K. W. (1981). Age and sex differences in satisfying love relationships across the adult life span. *Human Development*, 24(1): 52-66.
- Reis, S., & Greyner, B. F. (2004). Fear of intimacy in women: Relationship between attachment styles and depressive symptoms. *Psychopathology*, 37(6): 299-303.
- Rezende, C. (2001). Os limites da sociabilidade: Cariocas e nordestinos na feira de São Cristóvão. *Estudos Históricos*, 28(2): 167-181.
- Ricketts, W., & Gochros, H. L. (1987). *Intimate Relationships: Some Social Work Perspectives on Love*. Binghamton, NY: The Haworth Press.

- Rosenstiel, A. K., & Keefe, F. J. (1983). The use of coping strategies in chronic low back pain patients: Relationship to patient characteristics and current adjustment. *Pain*, 17(1): 33-44.
- Sable, P. (1983). Overcoming fears of attachment in an adult with a detached personality. *Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 20(3): 376-382.
- Savóia, M.G.; Santana, P.R. & Mejias, N.P. (1996). Adaptação do inventário de estratégias de coping de Folkman e Lazarus para o português. *Psicologia USP*, 7(1/2): 183-201.
- Schweizer, K. (2010). The adaptation of assessment instruments to the various European languages. *Editorial. European Journal of Psychological Assessment*, 26(2): 75-76.
- Sharabany, R., Gershoni, R., & Hofman, J. E. (1981). Girlfriend, boyfriend: Age and sex differences in intimate friendship. *Developmental Psychology*, 17(6): 800-808.
- Silva, M. A., Gomes, L. F., & Correia, M. (2009). Cultura e orientação empreendedora: Uma pesquisa comparativa entre empreendedores em incubadoras no Brasil e em Portugal. *Revista de Administração Contemporânea*, 13(1), 57-71.
- Skinner, E. A., Edge, K., Altman, J., & Sherwood, H. (2003). Searching for the structure of coping: A review and critique of category systems for classifying ways of coping. *Psychological Bulletin*, 129(2): 216-269.
- Sobral, M. P., & Costa, M. E. (2008). *Relações entre medo da intimidade, vinculação e divórcio parental*. Tese de Mestrado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Sobral, M. P., & Costa, M. E. (sub.). Development of fear of intimacy components questionnaire (FICQ): Embracing a dependence component.
- Sroufe, L. A. (2005). Attachment and development: A prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment & Human Development*, 7(4): 349-367.
- Thorberg, F. A., & Lyvers, M. (2006). Attachment, fear of intimacy and differentiation of self among clients in substance disorder treatment facilities. *Addictive Behaviors*, 31(4): 732-737.
- Ting-Toomey, S. (1991). Intimacy expressions in three cultures: France, Japan and the United States. *International Journal of Intercultural Relations*, 5(1): 29-46.
- U.S. Department of Health and Human Services (2001). *Mental Health: Cultures, Race, and Ethnicity – A Supplement to Mental Health: A Report of the Surgeon General*. Rockville, MD: U.S. Department of Health and Human Services, Substance Abuse and Mental Health Services Administration, Center for Mental Health Services.
- Van Assche, L., Luyten, P., Bruffaerts, R., Persoons, P., Van de Ven, L., & Vandenbulcke, M. (2013). Attachment in old age: Theoretical assumptions, empirical findings and implications for clinical practice. *Clinical Psychology Review*, 33(1): 67-81.
- Vedes, A., Nussbeck, F. W., Bodenmann, G., Lind, W., & Ferreira, A. (2013). Psychometric properties and validity of the dyadic coping inventory in portuguese. *Swiss Journal of Psychology*, 72(3): 149-157.
- Wadholm, G. M. (2008). Cultural diversity in Brazil: A guide to reference sources. *Behavioural & Social Sciences Librarian*, 26(3): 63-80. doi: 10.1080/01639260802164670.
- Waltz, M. (1986). Marital context and post-infarction quality of life: Is it social support or something more? *Social Science & Medicine*, 22(8): 791-805.
- Wong, P. T. P., & Wong, L. C. J. (2006). *Handbook of Multicultural Perspectives on Stress and Coping*. New York, NY: Springer.
- Zimmer-Gembeck, M. J., & Skinner, E. A. (2008). Adolescents coping with stress: Development and diversity. *The Prevention Researcher*, 15(4): 3-7.

Anexos

Anexo 1

Quadro de descrição da amostra

		Amostra portuguesa	Amostra carioca	Amostra total
		(N = 175)	(N = 137)	(N = 312)
Género	Masculino	48,0 %	46,7 %	47,4 %
	Feminino	52,0 %	53,3 %	52,6 %
Idade (anos)	M (DP)	23,82 (3,37)	24,01 (4,22)	23,90 (3,76)
	18 – 21	18,9 %	29,2 %	23,4 %
	22 – 25	64,6 %	43,8 %	55,4 %
	26 – 37	16,6 %	27,0 %	21,2 %
Ocupação	Estudante	68,4 %	64,2 %	66,7 %
	Trabalhador	29,8 %	35,0 %	32,0 %
	Desempregado	1,8 %	–	1,0 %
	Outra	–	0,8 %	0,3 %
Nível de escolaridade	Ensino básico	0,6 %	1,5 %	1,0 %
	Ensino secundário	16,6 %	17,5 %	17,0 %
	Ensino superior	82,9 %	81,0 %	82,1 %
Zona de residência	PT	Norte	89,1 %	–
		Centro	6,9 %	–
		Lisboa	3,4 %	–
		Algarve	0,6 %	–
	RJ	Zona Norte	–	45,6 %
		Zona Sul	–	27,2 %
		Zona Oeste	–	15,4%
		Zona Centro	–	6,6 %
		Zona Leste	–	5,1 %
				–
Estado relacional	Namoro	53,7 %	44,5 %	49,6 %
	Sem relação	41,7 %	37,9 %	39,7 %
	Casamento	4,0 %	10,2 %	6,3 %
	União de facto	0,6 %	4,4 %	2,7 %
	Outra	–	2,9 %	1,8 %

		Amostra portuguesa	Amostra carioca	Amostra total
		(N = 175)	(N = 137)	(N = 312)
Duração da relação atual (meses)	M (DP)	40,38 (35,26)	35,99 (43,46)	38,32 (39,27)
Duração da relação mais longa (meses)	M (DP)	39,07 (28,55)	46,95 (37,23)	42,53 (32,82)
N.º de relacionamentos sérios	M (DP) Extremos mín – máx	2,37 (1,27) 1 – 9	2,55 (1,63) 1 – 13	2,45 (1,44) 1 – 13
N.º parceiros sexuais nos últimos 12 meses	M (DP) Extremos mín – máx	1,82 (1,97) 0 – 15	2,74 (3,84) 0 – 30	2,22 (2,97) 0 – 30

Anexo 2

QUESTIONÁRIO DE INVESTIGAÇÃO

versão português de Portugal

(retirado e adaptado em termos de formatação da versão online)

Esta investigação surge no âmbito do mestrado integrado em psicologia, visando estudar as relações de intimidade e as formas de lidar com situações de stress.

É importante que responda sinceramente. **Garantimos o anonimato e a confidencialidade das suas respostas.** Não temos forma de associar as respostas à pessoa que respondeu.

Por favor responda a todas as questões, já que todas são igualmente importantes para a nossa investigação. Não há respostas certas nem erradas, já que cada pessoa é diferente. Estamos interessados em saber **a sua opinião.**

Agradecemos a sua colaboração!

QUESTIONÁRIO DE INVESTIGAÇÃO

versão português do Brasil

(retirado e adaptado em termos de formatação da versão online)

Esta investigação se insere no mestrado integrado em psicologia, e pretende estudar as relações de intimidade e as formas de lidar com situações de *estresse*.

É importante que responda com sinceridade. **Garantimos o anonimato e a confidencialidade das suas respostas.** Não temos forma de associar as respostas à pessoa que respondeu.

Por favor responda a todas as questões, porque todas são igualmente importantes para a nossa investigação. Não existem respostas certas nem erradas, pois cada pessoa é diferente. Estamos interessados em saber **a sua opinião.**

Obrigada pela sua colaboração!

Anexo 3

Questionário sociodemográfico (versão português de Portugal)

(retirado e adaptado em termos de formatação da versão online)

Idade: _____ anos

Sexo: MO ☐ FO ☐

Ocupação principal:

Estudante ☐

Trabalhador ☐

Outra ☐ Qual? _____

Nível de escolaridade:

Sem estudos ☐

Ensino secundário ☐

Ensino primário ☐

Ensino superior ☐

Zona de residência (concelho): _____

Sempre morou nessa zona? Sim ☐ Não ☐

Se não, diga onde morou anteriormente: _____

Neste momento estou:

Numa relação de casamento ☐

Numa relação em união de facto ☐

Numa relação de namoro ☐

Solteiro/a (sem relação) ☐

Outro (especifique: _____) ☐

Orientação sexual: Heterossexual ☐

Homossexual ☐

Bissexual ☐

Se está numa relação atualmente, indique a duração da mesma: _____

Caso seja casado/a ou esteja em união de facto, por favor indique o tempo de relação desde o início do namoro.

Duração da relação mais longa até hoje: _____

Incluindo a atual, se estiver numa relação. Se nunca tiver tido uma relação coloque 0 (zero).

Número de relações sérias até hoje: _____

Incluindo a atual, se estiver numa relação. Se nunca tiver tido uma relação coloque 0 (zero).

Há quanto tempo terminou a sua última relação? _____

Se tiver tido uma relação anterior. Se não tiver tido uma relação anterior coloque 0 (zero).

Nos últimos 12 meses, com quantos parceiros diferentes teve relações sexuais? _____

Incluindo o/a seu/sua parceiro/a, se estiver numa relação.

Nomeie três aspetos que, na sua opinião, caracterizam a forma como as relações de intimidade são vividas em Portugal. Justifique.

Questionário sociodemográfico (versão português do Brasil)

(retirado e adaptado em termos de formatação da versão online)

Idade: _____ anos

Sexo: MO ☐ FO ☐

Ocupação principal:

Estudante ☐

Trabalhador ☐

Outra ☐ Qual? _____

Grau de escolaridade:

Sem estudos ☐

Ensino médio ☐

Ensino fundamental ☐

Ensino universitário ☐

Bairro de residência do Estado do Rio de Janeiro: _____

Sempre morou nesse bairro? Sim ☐ Não ☐

Se não, diga onde morou anteriormente: _____

Neste momento estou:

Numa relação de casamento ☐

Numa relação em união de fato ☐

Numa relação de namoro ☐

Solteiro/a (sem relação) ☐

Outro (especifique: _____) ☐

Orientação sexual: Heterossexual ☐

Homossexual ☐

Bissexual ☐

Se está numa relação atualmente, indique a duração da mesma: _____

Caso seja casado/a ou esteja em união de fato, por favor indique o tempo de relação desde o início do namoro.

Duração da relação mais longa até hoje: _____

Incluindo a atual, se estiver numa relação. Se nunca tiver tido uma relação coloque 0 (zero).

Número de relações sérias até hoje: _____

Incluindo a atual, se estiver numa relação. Se nunca tiver tido uma relação coloque 0 (zero).

Há quanto tempo terminou a sua última relação? _____

Se tiver tido uma relação anterior. Se não tiver tido uma relação anterior coloque 0 (zero).

Nos últimos 12 meses, com quantos parceiros diferentes teve relações sexuais? _____

Incluindo o/a seu/sua parceiro/a, se estiver numa relação.

Diga 3 aspetos que, na sua opinião, caracterizam as relações de intimidade no Rio de Janeiro, e diga por que acha que isso é assim:

Anexo 4

Ways of Coping Questionnaire (WCQ)

Versão português de Portugal

Pense numa situação difícil que tenha vivido recentemente, na qual se tenha sentido stressado/a ou se tenha esforçado bastante para lidar com o problema. Responda às questões de acordo com a escala apresentada, tendo em conta a forma como lidou com essa situação.

	0	1	2	3
	Nunca usei	Usei de alguma forma	Usei algumas vezes	Usei muitas vezes
1.				
			0	1 2 3
* 2.				
			0	1 2 3
3.				
			0	1 2 3
* 4.				
			0	1 2 3
* 5.				
			0	1 2 3
6.				
			0	1 2 3
7.				
			0	1 2 3
* 8.				
			0	1 2 3
9.				
			0	1 2 3
10.				
			0	1 2 3
11.				
			0	1 2 3
12.				
			0	1 2 3
* 13.				
			0	1 2 3
14.				
			0	1 2 3
* 15.				
			0	1 2 3
* 16.				
			0	1 2 3
* 17.				
			0	1 2 3
* 18.				
			0	1 2 3
19.				
			0	1 2 3
* 20.				
			0	1 2 3
21.				
			0	1 2 3
22.				
			0	1 2 3
23.				
			0	1 2 3
24.				
			0	1 2 3
25.				
			0	1 2 3
26.				
			0	1 2 3
27.				
			0	1 2 3
* 28.				
			0	1 2 3
29.				
			0	1 2 3
30.				
			0	1 2 3
* 31.				
			0	1 2 3

* Itens excluídos após análise das qualidades psicométricas.

Ways of Coping Questionnaire (WCQ)

Versão português do Brasil

Pense numa situação difícil que tenha vivido recentemente, na qual se tenha sentido estressado/a ou se tenha esforçado bastante para lidar com o problema. Responda às questões de acordo com a escala apresentada, levando em conta a estratégia que usou nessa situação.

	0	1	2	3
	Não usei esta estratégia	Usei um pouco	Usei bastante	Usei em grande quantidade
1.	Me concentrei no que deveria ser feito e em seguida no próximo passo.			0 1 2 3
* 2.	Tentei encontrar a pessoa responsável para mudar suas ideias.			0 1 2 3
3.	Conversei com outra/s pessoa/s sobre o problema, procurando mais dados sobre a situação.			0 1 2 3
* 4.	Me critiquei, me repreendi.			0 1 2 3
* 5.	Tentei não fazer nada que fosse irreversível, procurando deixar outras opções.			0 1 2 3
6.	Fiz como se nada tivesse acontecido.			0 1 2 3
7.	Procurei guardar para mim mesmo/a os meus sentimentos.			0 1 2 3
* 8.	Mostrei a raiva que sentia para a/s pessoa/s que causou/aram o problema.			0 1 2 3
9.	Aceitei a simpatia e a compreensão das pessoas.			0 1 2 3
10.	Procurei esquecer a situação desagradável.			0 1 2 3
11.	Desculpei ou fiz alguma coisa para repor os danos.			0 1 2 3
12.	Fiz um plano de ação e o segui.			0 1 2 3
* 13.	De alguma forma extravasei meus sentimentos.			0 1 2 3
14.	Falei com alguém que poderia fazer alguma coisa concreta sobre o problema.			0 1 2 3
* 15.	Procurei me sentir melhor comendo, bebendo, fumando, utilizando drogas ou medicação.			0 1 2 3
* 16.	Procurei não fazer nada apressadamente ou seguir o meu primeiro impulso.			0 1 2 3
* 17.	Encontrei novas crenças.			0 1 2 3
* 18.	Redescobri o que é importante na vida.			0 1 2 3
19.	Modifiquei aspetos da situação para que tudo desse certo no final.			0 1 2 3
* 20.	Procurei fugir das pessoas em geral.			0 1 2 3
21.	Não deixei me impressionar, me recusava a pensar muito sobre esta situação.			0 1 2 3
22.	Procurei um amigo ou um parente para pedir conselhos.			0 1 2 3
23.	Não deixei que os outros soubessem da verdadeira situação.			0 1 2 3
24.	Minimizei a situação me recusando a preocupar-me seriamente com ela.			0 1 2 3
25.	Falei com alguém sobre como estava me sentindo.			0 1 2 3
26.	Recusei recuar e batalhei pelo que eu queria.			0 1 2 3
27.	Eu sabia o que deveria ser feito, portanto dobrei meus esforços para fazer o que fosse necessário.			0 1 2 3
* 28.	Prometi a mim mesmo/a que as coisas seriam diferentes na próxima vez.			0 1 2 3
29.	Desejei que a situação acabasse ou que de alguma forma desaparecesse.			0 1 2 3
30.	Tinha fantasias de como as coisas iriam acontecer, como se encaminhariam.			0 1 2 3
* 31.	Rezei.			0 1 2 3

* Itens excluídos após análise das qualidades psicométricas.

Anexo 5

Fear of Intimacy Components Questionnaire (FICQ)

Versão português de Portugal

As seguintes frases dizem respeito à forma como **habitualmente** se sente nas relações sérias. Pense nos seus/suas **companheiros/as amorosos em geral** e indique em que medida concorda com as afirmações, tendo em conta as cinco alternativas que se seguem:

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo e discordo	Concordo	Concordo totalmente

1.	Há aspetos da minha maneira de ser que não gosto de mostrar ao meu companheiro/a.	1	2	3	4	5
2.	Aquilo que mais me incomoda numa relação é sentir o meu companheiro/a invadir o meu espaço.	1	2	3	4	5
3.	Tento que o meu companheiro/a não repare nos meus pontos fracos.	1	2	3	4	5
4.	Incomoda-me ter que dar satisfações ao meu companheiro/a.	1	2	3	4	5
5.	Às vezes não digo a verdade para o meu companheiro/a não se desiludir comigo.	1	2	3	4	5
6.	Quando tenho que tomar decisões pessoais, gosto de o fazer sem o meu companheiro/a.	1	2	3	4	5
7.	Para ele/a não ficar a pensar mal de mim, há coisas que não lhe conto ou demonstro.	1	2	3	4	5
8.	Sinto-me incomodado/a sempre que tenho de adaptar a minha maneira de ser ao meu companheiro/a.	1	2	3	4	5
9.	Sinto que, se contar tudo ao meu companheiro/a, ele/a pode ficar com uma imagem negativa de mim.	1	2	3	4	5
10.	Para não perder a minha autonomia, prefiro não ficar demasiado/a envolvido/a com o meu companheiro/a.	1	2	3	4	5

Fear of Intimacy Components Questionnaire (FICQ)

Versão português do Brasil, adaptação transcultural realizada neste estudo

As seguintes frases dizem respeito à forma como **habitualmente** você se sente nas relações sérias. Pense nos seus/suas **companheiros/as amorosos em geral** e indique de que modo concorda com as afirmações, levando em conta as cinco alternativas que se seguem:

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo e discordo	Concordo	Concordo totalmente

1.	Há aspetos do meu jeito de ser que não gosto de mostrar ao meu companheiro/a.	1	2	3	4	5
2.	Aquilo que mais me incomoda numa relação é sentir o meu companheiro/a invadir o meu espaço.	1	2	3	4	5
3.	Tento que o meu companheiro/a não repare nos meus pontos fracos.	1	2	3	4	5
4.	Me incomoda ter que dar satisfações ao meu companheiro/a.	1	2	3	4	5
5.	Às vezes não digo a verdade para o meu companheiro/a não se desiludir comigo.	1	2	3	4	5
6.	Quando tenho que tomar decisões pessoais, gosto de o fazer sem o meu companheiro/a.	1	2	3	4	5
7.	Para ele/a não pensar mal de mim, há coisas que não lhe conto ou demonstro.	1	2	3	4	5
8.	Me sinto incomodado/a sempre que tenho que adaptar o meu jeito de ser ao meu companheiro/a.	1	2	3	4	5
9.	Sinto que, se contar tudo ao meu companheiro/a, ele/a pode ficar com uma imagem negativa de mim.	1	2	3	4	5
10.	Para não perder a minha autonomia, prefiro não me deixar envolver demais com o meu companheiro/a.	1	2	3	4	5

Anexo 6

Fatores resultantes do WCQ para a presente amostra

Procura de suporte social

- 3. Falei com alguém para saber mais sobre a situação.
- 9. Aceitei que fossem simpáticos e compreensivos comigo.
- 14. Falei com alguém que poderia fazer alguma coisa concreta em relação ao problema.
- 22. Pedi conselhos a um familiar ou amigo que respeito.
- 25. Falei com alguém sobre como me estava a sentir.

Distanciamento e autocontrolo

- 6. Deixei-me andar como se nada tivesse acontecido.
- 7. Tentei guardar para mim próprio/a o que estava a sentir.
- 10. Tentei esquecer tudo.
- 21. Não deixei que a situação me afectasse; recusei-me a pensar demasiado sobre o problema.
- 23. Evitei que outros se apercebessem da gravidade da situação.
- 24. Tornei a situação mais leve, recusando-me a levar as coisas muito a sério.

Resolução de problemas

- 1. Concentrei-me apenas naquilo que ia fazer a seguir – no próximo passo.
- 11. Pedi desculpa ou fiz algo para compor a situação.
- 12. Construí um plano de acção e segui-o.
- 19. Mudei algo para que as coisas corressem bem.
- 26. Mantive a minha posição e lutei pelo que queria.
- 27. Eu sabia o que devia ser feito, por isso redobrei os meus esforços para que as coisas corressem bem.

Fuga-evitamento

- 29. Desejei que a situação desaparecesse ou que de alguma forma terminasse.
- 30. Desejei que as coisas voltassem atrás.

Nota: Os itens são apresentados em português de Portugal.

Anexo 7

Dimensões FICQ

Medo de perder o outro (MPO)

1. Há aspetos da minha maneira de ser que não gosto de mostrar ao meu companheiro/a.
3. Tento que o meu companheiro/a não repare nos meus pontos fracos.
5. Às vezes não digo a verdade para o meu companheiro/a não se desiludir comigo.
7. Para ele/a não ficar a pensar mal de mim, há coisas que não lhe conto ou demonstro.
9. Sinto que, se contar tudo ao meu companheiro/a, ele/a pode ficar com uma imagem negativa de mim.

Medo de perder o *self* (MPS)

2. Aquilo que mais me incomoda numa relação é sentir o meu companheiro/a invadir o meu espaço.
4. Incomoda-me ter que dar satisfações ao meu companheiro/a.
6. Quando tenho que tomar decisões pessoais, gosto de o fazer sem o meu companheiro/a.
8. Sinto-me incomodado/a sempre que tenho de adaptar a minha maneira de ser ao meu companheiro/a.
10. Para não perder a minha autonomia, prefiro não ficar demasiado/a envolvido/a com o meu companheiro/a.

Nota: Os itens são apresentados em português de Portugal.

Anexo 8

WCQ – Validade convergente-discriminante dos itens e consistência interna dos fatores

	PSS	RP	DAC	FE
item 3	,700**	,210**	-,038	,009
item 9	,759**	,274**	,075	,069
item 14	,703**	,338**	-,059	,011
item 22	,636**	,214**	-,020	,202**
item 25	,679**	,197**	-,137*	,164**
item 1	,120*	,671**	,136*	,048
item 11	,283**	,697**	,042	,137*
item 12	,182**	,490**	-,024	-,097
item 19	,204**	,666**	,096	-,036
item 26	,270**	,639**	-,025	-,070
item 27	,290**	,646**	-,070	-,120*
item 6	-,063	-,074	,645**	,130*
item 7	-,105	-,038	,650**	,107
item 10	-,031	-,001	,710**	,275**
item 21	,033	,112	,657**	,076
item 23	-,063	,071	,669**	,043
item 24	,011	,037	,621**	,173**
item 29	,069	-,045	,222**	,849**
item 30	,155**	-,034	,163**	,873**
Consistência interna (α)				
Amostra total	,744	,700	,699	,651
Amostra PT / RJ	,734 / ,735	,731 / ,668	,737 / ,661	,685 / ,621

Nota: Análise realizada através do coeficiente de correlação de *Pearson*. Os valores relativos a cada sub-escala foram corrigidos para sobreposição, exceto os da escala de FE por possuir apenas dois itens. * correlação significativa ao nível de 0,01; ** correlação significativa ao nível de 0,05.

Anexo 9

FICQ – Matriz de saturações (*loadings*), variância explicada e consistência interna dos fatores

	Amostra total		Amostra portuguesa		Amostra carioca	
	MPO	MPS	MPO	MPS	MPO	MPS
item 7	,870		,864		,867	
item 5	,863		,804		,885	
item 9	,753		,794		,742	
item 3	,462		,684			,421
item 1	,460		,473		,394	
item 2		,814		,752		,838
item 6		,753		,720		,759
item 4		,660		,756		,511
item 8		,627		,687		,495
item 10		,469		,569		,460
Variância (%)	37,394	13,122	39,704	13,624	34,506	13,888
Variância total (%)	50,515		53,327		48,394	
Consistência interna (α)						
Fatores que emergiram	,753	,729	,795	,745	,741	,683
Fatores originais	,753	,729	,795	,745	,706	,693

Nota: Extração em componentes principais através de rotação oblíqua *Promax*. Na amostra carioca, a extração foi forçada a 2 fatores. Apenas se apresentam os valores de pesos fatoriais significativos (> 0,4).

Anexo 10

Categorias da análise de conteúdo

Categoria	Subcategoria	Descrição
Características genéricas	Alegria	“Feliz”, “boa disposição”, “bom humor”.
	Autoafirmação / Autoestima	“Autoestima elevada”, “convencido”, “exibicionista”, “necessidade de aparecer, de mostrar que é o bom”.
	Desinibição / Espontaneidade	“Menos tímidos”, “demonstram emoções publicamente”, “expansivo”.
	Afabilidade	“Simpático”, “acolhedor”, “generosidade”, “receptivo”.
	Tranquilidade	“Descontraídos”, “forma como as pessoas se relacionam é mais relaxada”, “quase nada preocupa um carioca”.
	Tensão psicológica	“Pouco pacientes”, “muito preocupados”.
	Imediatismo	“Momentâneo”, “preguiçoso”, “não pensamos antes de agir”.
	Persistência	“Determinado”, “resilientes”, “lutador”.
	Autenticidade	“Sinceridade”, “mais genuíno”, “honestas”.
	Futilidade	“Fofoca”, “superficiais”, “ vaidade”.
Características relacionadas com as relações de intimidade	Companheirismo	“Muita cumplicidade”, “partilha”, “diálogo”, “respeito”, “confiança”.
	Libertinagem	“Malandragem”, “sexo como objetivo”, “melhores vivãs”, “safados”, “sarados e pegadores”.
	Afetividade	“Romântico”, “carinhoso”, “protetores”, “apaixonados”.
	Compromisso	“Mais disponíveis para relacionamentos sérios”, “definir objetivos, aquando numa relação”, “dá valor ao compromisso, estrutura familiar”, “menos dados a curtir”.
	Descompromisso	“Não se preocupam com o rumo das relações”, “relações sem vínculo de seriedade”, “tratam de forma leve o compromisso”.
	Pouco envolvimento emocional	“Não se doam em termos emocionais”, “desapegados”, “não se envolvem com facilidade”.
	Possessividade	“Possessivo”, “ciumento”.
	Dependência	“Dependentes emocionalmente”, “carência emocional”, “não gostam de ficar sozinhos”.
	Infidelidade	“Infiéis”, “mais infiel devido às possibilidades à sua volta”.
	Facilidade e celeridade no envolvimento íntimo	“Torna-se íntimo rapidamente”, “intimidade em curto espaço de tempo”, “envolvimento fácil nas relações”.
	Elevado n.º de parceiros ao longo da vida	“Ficam com muitas pessoas”, “se relacionam com vários parceiros ao longo da vida”.
	Relações de curta duração	“Relacionamentos curtos”, “relações passageiras”, “relações fugazes”.

Categoria	Subcategoria	Descrição
Características relacionadas com aspetos culturais	Conservadorismo	“Conservadorismo relativamente aos papéis de género”, “machista”, “fechado quanto à sexualidade”, “repressão sexual”.
	Liberdade ideológica	“Crenças e atitudes diferentes sem repreensão social”, “menos preconceituosos”, “cabeça aberta”, “mente cidadina e alternativa”.
	Liberdade sexual	“Sem pudor”, “proximidade com o corpo dos outros”, “encaramos a intimidade como algo normal”, “facilidade no abraço e beijo devido à praia onde todo o mundo se vê com roupa de banho”.
	Orgulho patriota	“Somos os melhores do mundo”, “somos lindos”, “temos charme, carisma”, “bairrismo”.

Nota: descrição das categorias mediante alguns excertos das respostas dos sujeitos.

Anexo 11

Retroversão dos itens do FICQ

(Da versão de teste em português do Brasil para o português de Portugal)

1. Procuro esconder do meu companheiro/a alguns aspectos da minha vida pessoal.
2. O que mais me incomoda numa relação é sentir que o meu companheiro está a invadir o meu espaço.
3. Tento que o meu companheiro/a não repare nos meus pontos fracos.
4. Não gosto de dar satisfações ao meu companheiro/a.
5. Às vezes não digo a verdade para o meu companheiro/a não se desiludir comigo.
6. Quando tenho de tomar decisões pessoais, gosto de fazê-lo sem o meu companheiro/a.
7. Para ele/a não pensar mal de mim, há coisas que não lhe conto ou demonstro.
8. Sinto-me incomodado/a sempre que tenho de adaptar a minha maneira de ser ao meu companheiro/a.
9. Sinto que, se contar tudo ao meu companheiro/a, ele/a pode ficar com uma imagem negativa de mim.
10. Para não perder a minha autonomia, prefiro não me deixar envolver demais com o meu companheiro/a.